

tivesse previsto as coisas, não teria prometido nada. Mas, se se trata d'uma doação entre vivos, é muito mais difficil de voltar atraz. Porque a diminuição da fortuna não é causa sufficiente para a annular e a outra rasão não tem valor, aquella que se fundasse na má conducta do marido da sobrinha, a menos que Quidonio tenha soffrido ultrajes terriveis da sua parte. (P. B., pag. 287).

731.—P. E' causa sufficiente de dissolução de esponsaes uma rica herança que advem ao noivo ?

R. Ha controversia; muitos o negam, porque nada mudou na noiva; outros affirmam-n'o, porque entre os dois noivos já não ha a mesma condição de fortuna, e se o noivo tivesse previsto a mudança, não teria querido comprometter-se com a mesma pessoa. Esta opinião é approvada por S. Liguori, n'um caso em que offereciam ao noivo, que não se tornára mais rico, uma noiva notavelmente mais rica que a primeira.

732.—... P. Tendo uma das partes um defeito occulto, deve declarar-o antes dos esponsaes ou, concluidos estes, antes do casamento ?

R. Não, se o defeito não torna o casamento danoso, mas apenas menos appetecivel; por exemplo, se a rapariga, que se julga virgem, não o é, porque, como o tem estabelecido o costume, ninguem é obrigado a desvendar a' outras coisas d'essas. Além de que, ninguem é obrigado a desvendar o seu defeito em risco de se deshonrar, quando o defeito não lesa nenhum direito grave d'outro. (P. B., pag. 417, G., l).

Caso

Ruptura de esponsaes

Edmundo fez esponsaes com Helena, rapariga da mesma condição e da mesma fortuna. Mas, na vespera do casamento, recolhe a herança d'um tio fallecido. Por isso deixa Helena para se casar com outra mulher não rica como elle.

P. 1.^a A mudança de fortuna n'um dos noivos basta para fazer romper as promessas realisadas ?

P. 2.^a Quid, no caso particular ?

R. á 1.^a P. 1.^o Se um dos noivos padece sensiveis perdas de dinheiro, é rasão para o outro se retirar, por causa d'essa mudança de fortuna. Mas se um dos dois se torna muito mais rico, por exemplo, fazendo uma boa herança, póde retirar-se ? Ha controversia. Ha tendencia para a affirmativa, porque na realidade passa a haver uma grande differença de condição entre os dois noivos. S. Liguori, Voit, mostram ser a opinião de grande numero. Todavia, ha uma opinião mais commum, que affirma o contrario, porque, não se tendo alterado nada no outro noivo, é dever não o abandonar.

R. á 2.^a P. Não se deve inquietar E. duardo, pelo menos é uma opinião provavel, por ter rompido as suas promessas depois de ter feito uma rica herança, porque d'ahi resulta grande differença de condição entre elle e a noiva. Esta rasão não vale senão quando se não previa a herança, como se suppõe n'este caso. (P. B., pag. 452).

CASO

Ruptura de esponsaes

Bibiana, rapariga dotada das maiores qualidades physicas e intellectuaes, chama a attenção de muitos rapazes; varios a pedem; ella porém prefere Sidonio, com quem contracta esponsaes. O dia do casamento approxima-se. Bibiana vae-se confessar e entre outros peccados declara: 1.º que perdeu a virgindade forn... muitas vezes; 2.º que está grávida d'um mez, em consequencia de relações culpadas com um mancebo¹; 3.º que já teve um filho sem ninguem saber, excepto a parteira que o metteu no hospicio. Ouvindo isto, o confessor hesita e não sabe se deve obrigar-a a declarar tudo ao noivo ou a romper as promessas que fizera. Pensa porém que é melhor guardar profundo silencio; dá a absolvição a Bibiana, que se casa.

P. 1.ª Os noivos devem declarar faltas graves antes da celebração do casamento?

P. 2.ª Bibiana devia ter declarado as suas faltas?

P. 3.ª Que pensar do confessor?

R. á 1.ª P. 1.º Sim, se essas faltas podem prejudicar o outro noivo ou deshonral-o; por exemplo, se o noivo tem uma doença venerea ou se a noiva está grávida d'outro. Então o noivo deve confessar ou retirar-se. A razão é que, contrahindo casamento em tal estado, causará grande prejuizo á noiva.

2.º Não, se as faltas não são gravemente prejudiciaes ao outro, ou não lhe causam detrimento especial; por exemplo se a noiva perdeu a virgindade, se é bulhenta, etc. A razão está em que ninguem é obrigado a degradar-se confessando faltas que não prejudicam gravemente a outrem.

R. á 2.ª P. 1.º Bibiana não está obrigada *per se* a confessar que forn... e perdeu a virgindade, porque esta falta não é prejudicial ao noivo. Embora o noivo, sabendo esta falta, tenha direito de se retirar, emquanto elle não faz opposição, a noiva conserva o seu direito de esponsaes. E, embora ella não possa enganar um homem fazendo crer que está ao abrigo de toda a censura, não é obrigada a declarar essa falta e pôde mesmo, se fôr interrogada, dissimular dando respostas equivocas, porque não mente, não faz mais que occultar uma falta que ficou secreta.

2.º E não é obrigada a declarar que teve um filho, que o poz n'um hospicio ou outro lugar secreto, comtanto que pague e tenha com que fazer a criação do filho, se alguma coisa lhe reclamam por isso. A razão está em que, n'este caso, não faz nenhum damno ao noivo, visto que d'ahi nenhum prejuizo resultará para elle. Seria d'outro modo, se a coisa não fosse bastante secreta para se conservar sempre ignorada do noivo, visto que d'ahi podiam resultar disputas e dissensões muito graves entre os esposos.

¹No texto está *com esse mancebo*; mas evidentemente é erro em vista da *R. á 2.ª P., 3.º*

3.º Mas é obrigada em principio (*per se loquendo*) a declarar ao noivo que está actualmente grávida ou a retirar a promessa, porque d'outro modo lhe faria grave prejuizo introduzindo uma creança extranha na familia: creança que o noivo teria de educar e fazer participar á herança dos filhos legitimos. Ajuntae os graves inconvenientes que d'ahi resultariam, se o negocio se descobrisse, o que poderia facilmente succeder, se a creança nascesse ao oitavo mez do casamento. Muitos fazem excepção para o caso em que, na vespera do casamento, a rapariga não pudesse salvar a sua fama senão casando-se, porque não seria obrigada a correr tão grande prejuizo como a perda da reputação poupando ao seu noivo um damno passageiro. Esta excepção parece ser approvada por S. Liguori.

R. á 3.ª P. Que pensar do confessor? Segundo o que fica dito, é bastante claro que o confessor de Bibiana tratou o negocio levemente guardando profundo silencio. Em principio, não podia dar-lhe a absolvição sem a obrigar a declarar o seu estado ao noivo ou a retractar as promessas, como se disse. Todavia, tal pôde ter sido o embaraço da penitente que, para salvar a sua reputação ou a honra d'uma familia distincta e evitar um grande escandalo, o confessor pudesse ou mesmo devesse deixal-a em paz.

Prouvesse ao ceu que estas situações se apresentassem com menos frequencia! Que de noivos se enganam um ao outro! Antes do casamento, devia-se-lhes repetir: *Nimum ne crede colori*, não se fiem nas apparencias! (P. B., pag. 453).

—
Caso

Crime

Donato levou a commetter adulterio, fazendo uma promessa fingida de casamento, a Melania, mulher casada. O marido d'esta morre e deixa a herdeira dos seus bens. Donato, para obter essas riquezas, celebra o casamento prometido, mas dentro em pouco, zangando-se com a mulher, abandona-a e, tendo ouvido falar do impedimento que vem do crime, consulta o confessor e pergunta-lhe se pôde fazer segundo casamento.

P. Ha impedimento?

R. Não, o casamento é valido, visto que a promessa do casamento só foi fingida e uma promessa fingida não é uma verdadeira promessa. (P. B., pag. 468).



○ conhecimento da moral dos jesuitas só ficaria completo

com a exposição das doutrinas e da casuística, que exploram os peccados sexuaes até ás ultimas e pasmosas minucias de obscenidade. Eu desisto porém de largas transcripções; falle-me a coragem de mecher em tanta sujidade. O livro de Paul Bert ahí está para quem quizer conhecer estas coisas mais de perto; arme se porém de todo o seu latim, que o auctor não ousou pôr em linguagem corrente esses mares de lama que estão nos livros de Gury, e onde os ecclesiasticos vão buscar uma sciencia, que, tão completa, falta mesmo aos mais sabidos no deboche e na corrupção. Exige-o porém o confessorio. É preciso que os mais intimos segredos do leito nupcial, que os mais torpes desvarios da sexualidade, para alli vão ser expostos, n'aquella conversa intima, mysteriosa, que se esconde pelas sombras do templo e exige encouraçamentos de pudor, a que não ha sensibilidade feminina que resista.

... prouvera a Deus que esta materia não fosse tão frequente nas confissões e que o confessor não precisasse conhecer-lhe senão os traços geraes! Que o pudico leitor me perdõe pois, se me detenho longamente aqui e se desço até aos casos particulares, que põem em luz tantas torpezas». (S. Liguori, citado por Gury, II, pag. 395. P. B., pag. 432).

A paixão libidinosa resuma do livro inteiro da moral dos jesuitas. Mais ou menos é o que vem ao de cima tratando-se dos objectos os mais diversos e quasi sempre os exemplos de escola são tirados dos dominios da sexualidade. E' uma verdadeira preocupação morbida que, chegada ás alturas da moral do casamento, rompe todos os veus e expõe todas as vergonhas. Toleram-se e até se incita a actos impudicos, adextram-se as tentações, permitem-se todas as incontinencias, lembram-se e detalham-se os mais monstruosos excessos, imaginam-se casos de lubricidade e crime que nunca poderão realizar-se, maculam-se creanças e até as mães com torpes imaginações, ensinam-se os processos mais efficazes de seducção, aconselha-se emfim a não se resistir aos movimentos da carne:

145. — Não ha nenhuma obrigação de resistir positivamente aos movimentos da carne, quando tal resistencia não faz senão excital-os mais; uma resistencia material ainda é menos necessaria

Egualmente não somos obrigados a oppor uma resistencia positiva a toda a tentação que se prolonga, porque seria muito difficil e ficarse hia exposto a ter innumerous escrupulos. (P. B., pag. 66, G, I).

Por toda a parte, um deleite sensual resumbrando até de pormenores que deixam attonitos os homens que não vivem privados de regular commercio sexual; chega-se mesmo a pensar na excitação que pôde produzir a nudez d'uma creancinha, da qual diz Gury — que *excita pouco, parum movet* (G., I, 418, P. B., pag. 134)!

Essa parte da moral jesuitica deixa a perder de vista todas as pornographias dos tempos antigos ou modernos. Nunca se viu nada mais nú, nada mais crú. Tudo marcado com o sello do mais grosseiro cynismo, em que a materia é tudo e o sentimento é nada. Vemol-o no desprezo da mulher que filtra pelas entrelinhas de toda a moral dos jesuitas e que aqui ou alli é despejadamente declarada:

381... O marido deve de ordinario começar por usar de palavras benevolas para corrigir a mulher e, se não basta, recorrer a castigo mais severo.

O confessor não deve desde logo juntar fé ás palavras d'uma mulher que se queixa do esposo, porque as mulheres são habitualmente inclinadas a mentir. (P. B., pag. 117, G., I).

Gravae em vosso espirito esta verdade: «Mais vale a maldade d'um homem que o beneficio d'uma mulher.» (P. B., pag. 411).

99. — Não te detenhas no meio das mulheres; *do vestuario vem a tinda, da mulher a iniquidade do homem.* (P. B., pag. 331, G, II).

E vemol-o igualmente no aspecto grosseiro, em que o casamento é encarado. O casamento não é visto senão como união dos corpos, quando muito como sacramento sanctificando uma união, mas nunca se olha como enlace d'almas, como união de esforços, de dôres e de felicidade:

744. — O casamento pôde ser olhado por dois modos — como contracto e como Sacramento.

Como contracto, é uma convenção pela qual o homem e a mulher se dão reciprocamente e legitimamente a propriedade do seu corpo para os actos proprios da geração, e se compromettem a viver juntos.

Como Sacramento, define-se: *Sacramento da lei nova conferindo a graça para sanctificar a união legitima do homem e da mulher e para proteger piamente e educar santamente a prole.* (Gury, II).

765. — A materia remota do casamento é o corpo dos noivos, que no contracto se entregam reciprocamente.

A materia proxima é a entrega mesma dos corpos, que se faz por meio de palavras ou signaes exprimindo o consentimento. (P. B., pag. 422, G., II).

E somos nós os grosseiros materialistas !

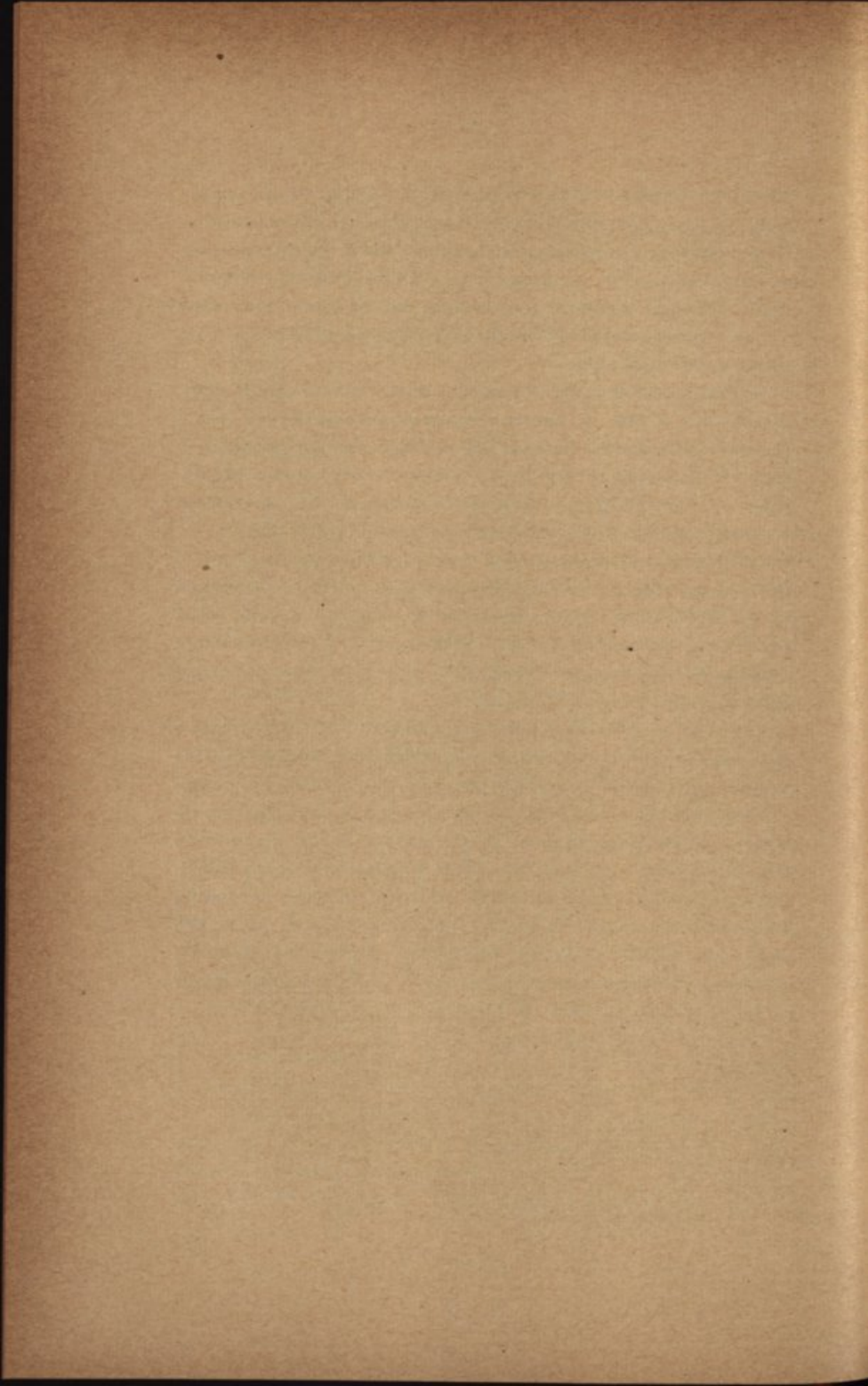


A moral dos jesuitas é a abominação das abominações. O interesse egoista erige-se em primeiro movel. As vantagens de cada um são a suprema lei. Os peccados são apreciados pelo acto exterior, não pela natureza das intenções. O damno é avaliado, não em relação a quem d'elle é culpado, mas em relação a si proprio independentemente do auctor. A reputação é mais alto valor que o prejuizo material, mas compara-se a reputação de quem fez o prejuizo a outrem, que nenhuma culpa tem, com esse prejuizo, para justificar que se salve aquella á custa d'este. A grandeza da falta, mesmo do crime, é attenuada e até extinta com torcicollos rabulas que ageitam a palavra aos mais insensatos raciocinios. O mal é justificado, auctorisado e até aconselhado, e fazem-se viver as consciencias n'um desconhecimento da culpa, que impede toda a regeneração do culpado. Auctorisam-se os actos os mais deshonestos, a denuncia, a violação das cartas e a corrupção dos juizes, os roubos ao estado e a condemnação de innocentes do crime que nós proprios praticámos. As promessas não valem senão quando n'ellas temos vantagem e as promessas fingidas não são verdadeiras promessas. Com a restricção mental auctorisam-se todas as falsidades e mentiras, todos os crimes e perjurijs. Os crimes mais formacs são desculpados ou consentidos, a falsificação como o falso testemunho, o proxenetismo como o roubo, os monopolios como a usura. Toda a caridade do coração é rejeitada, desde o perdão das injurias até á pratica da esmola, desde o respeito pela religião alheia

até á condemnação da escravidão, até á compaixão que merecem os paes de cujos braços se arrancam os filhos queridos. Finalmente as compensações occultas são a sanctificação de roubos e abusos de confiança, como o probabilismo é a suffocação de todo o grito da consciencia; não ha crime que resista a uma opinião provavel e ha-as para todos os paladares e para todas as circumstancias.

Se esta moral nefanda dominasse, seria a corrupção do mundo. E não é que se não applicuem todos os esforços para o realisar. A acção dos jesuitas não resfolga por um momento e todos os dias mais invade. E' no confessionario e nas conferencias, e é sobretudo na educação da mocidade. Não se limitam mesmo á palavra e ao conselho, mas chegam até a redigir manuaes inspirados no mesmo espirito do compendio de Gury, e que se aprendem pelas escolas, collegios e asylos. A theologia moral dos jesuitas não fica encasulada no seu latim, nem actua sobre os povos apenas por intermedio do padre. O pequeno catecismo de Marotte que P. Bert foi descobrir demonstra a acção directa d'aquella nefanda moral.

Como se chega porém a taes extremos de corrupção? Como succede que milhares e milhares de homens de uma geração se tenham aggregado n'um fim de dominio pela pratica e conselho de doutrinas tão horrorosas, que são o esmagamento de toda a consciencia honesta e limpa? Facilita-se a confissão para se dominar pelo confessionario. Justificam-se todas as culpas para se conquistarem todos os segredos. Deve ser assim, mas não basta. O que ha no espirito d'esses homens que de vez lhes emmudeceu a voz da consciencia e com uma capa de santidade os lançou para os antipodas dos homens de bem?



A MORAL THEOLOGICA E A MORAL SCIENTIFICA

O interminavel capitulo que se acaba de ler só póde parecer enxerto n'este trabalho a quem não tenha seguido os artigos do *C. N.* e desconheça as injurias com que se procurou ferir o auctor da *Consciencia e livre arbitrio*. Não só o apodaram de calumniador dos principios de moralidade que veem de ser expostos na sua repellente nudez, mas ainda recusaram toda a moral áquelles que estão com a sciencia e se esforçam por entranhal-a na vida pratica dos povos. N'este conflicto que mais uma vez se arma entre a sciencia e a orthodoxia, precisamente se produziu a situação que levou Paul Bert a escrever o livro que por uma parte acabamos de reeditar. Foi a mesma guerra do livre pensamento contra uma invasão tenaz e subrepticia do ensino pela tyrannia religiosa; foram as mesmas injurias vomitadas do campo da caridade christã e das virtudes theologaes; foram as mesmas coleras e as mesmas intolerancias fazendo explosão onde tanto se apregoa a humildade e a benevolencia. Novos insultos e novas aggressões hão de vir, novos furores hão de irromper em violencias e brutalidades, e com toda a sorte de arremettidas se ha de querer estrangular a voz da Ver-

dade. Mas aqui, como em França, a mesma serenidade e a mesma indiferença lhes acolherão os impetos; agora, e sempre, e até ás ultimas, será a propaganda a arma de combate, que outra não é precisa por os escorraçar da grande luz em que se agitam os problemas sociais e se trabalha o progresso dos povos.

Felizmente, vivemos n'um tempo em que já não é possível um retrocesso. Victorias passageiras poderão, aqui ou alli, coroar planos tenebrosos de reacção e agora ou logo se conseguirão domar os povos, onde imperam paixões ardentes e a intellectualidade se arrasta pela indolencia e pela estagnação. Mas enquanto houver um Norte que é a fonte lidima de toda a sciencia, que é o modelo inimitavel da austeridade no sentir e o vigoroso exemplo da despreoccupação crendeira, enquanto houver povos que marcham unidos por entre disparatadas religiões, não curando do que cada um sente, mas do que todos devem pensar, a Verdade será preponderante e a moral scientifica progredirá de conquista em conquista.

Fingem não saber o que possa ser uma moral scientifica. Creem ou fingem crer que uma moral legitima sómente se póde levantar sobre erros e superstições, sobre phantasias que nenhum facto ainda veio provar em todo este longo periodo que marca a historia do mundo, sobre concepções com base tão firme como a do delirio d'um alienado. Em nome d'essas ficções, em nome d'esses arbitrios que separam uma alma d'um corpo e a fazem immortal, ou architectam um Deus dotado de todas as paixões humanas, tentam encaminhar os povos ao sacrificio d'um presente certo por um futuro absolutamente desconhecido e até, á maneira por que é imaginado, de todo contrario ao que dizem os factos scientificos correntemente averiguados. Em nome da vida futura, dos premios que esperam as nossas virtudes, dos castigos que hão de valer os nossos vicios, sacrificam-se os direitos da razão e exploram-se os mais baixos sentimentos do homem — o medo e o interesse. Com o Ecclesiastes (I, 13, 14) préga-se a vaidade do saber e a maldade da sciencia para acorren-

tar os espiritos no dogma e na superstição, no mysterio e na credence. A' custa de nefandas violencias de seducção procura-se abater a dignidade do homem ao nivel da obediencia cega e rastejante para com aquelles que se dizem os representantes de Deus na terra e ajuntam-se rebanhos espirituaes, materia docil de tyrannico dominio, fonte uberrima de fartas riquezas.

Tal é a moral que prégam, uma moral que é antes um commercio de interesses, e tal é o degradante abaixamento a que desejam ver reduzida a humanidade. Como poderiam querer nunca que a verdade illuminasse todos os espiritos, se isso seria o signal da sua ruina... E como poderão nunca aceitar o grande ideal da humanidade, que ha de ser proseguido na independencia do seu dominio e da sua influencia e que é a felicidade do homem sobre a terra...

A humanidade é *una* e cada um de nós é fragmento material e funcional do grande todo. Cada um de nós é uma porção da materia viva com que todos os homens se construíram. O laço que une os homens não é apenas o das relações psychicas que os constituem em sociedade, mas ainda um laço rigosamente material que os encadeia a todos da mesma geração, como a todos das gerações que passaram e das gerações que estão por vir. D'aqui esta grande lei da fraternidade, que deve conduzir o homem a procurar o abrandamento das luctas ferinas e a conquista da felicidade dos seus irmãos.

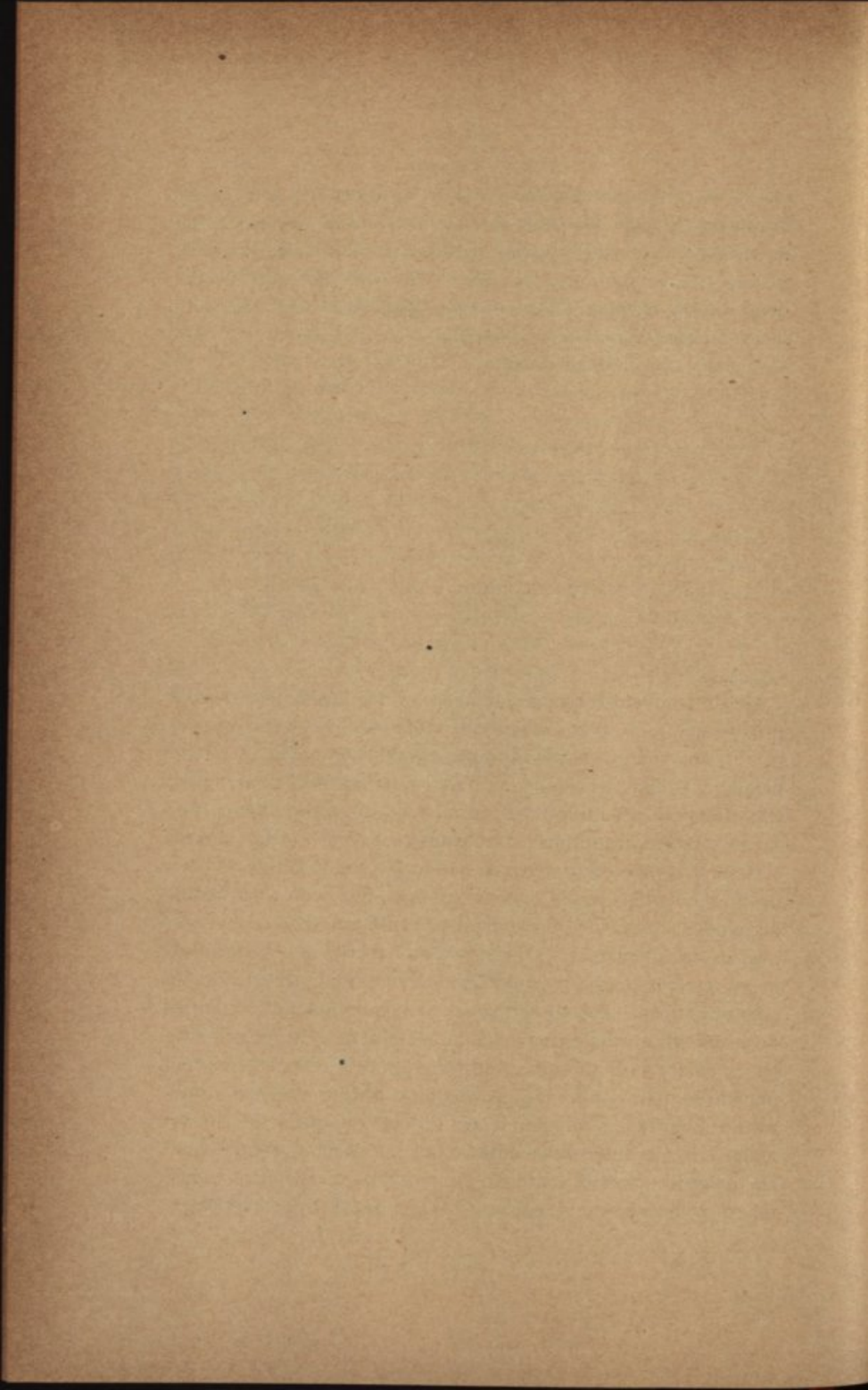
A herança, a miseria, o vicio, são a tragica trilogia da desgraça humana. Este incessante reverter de rebuscas e descobertas, que teem sido os ultimos cincoenta annos de historia scientifica, condensam-se n'aquellas tres palavras que, expressão da fatalidade dos destinos, na fatalidade mesma encontram remedio e prevenção á immensidade de dôr que significam. E' esta a unica moral legitima, aquella que nos factos tem o mais solido fundamento e se impõe ao homem como a unica orientação dos espiritos, como o ideal unico para onde devem convergir todos os esforços. Que importam phantasiosas imaginações d'uma vida d'além, pretendidas

revelações que nunca ninguém demonstrou, idéas delirantes que de todo estão fóra do dominio dos factos, se ha um *bem* nitido, positivo, tangivel, que póde ser alcançado — a abolição de tantos horrores que fazem da sociedade humana uma iniquidade, o apagamento da dôr que é o mais certo quinhão da vida de hoje, o bafejo da felicidade que todos os dias vem mais quente e mais suavizador!

Quando se lança vagoroso olhar para o passado, assombra como tanto se tem caminhado. Vencendo despotismos, desmoronando interesses iníquos, submettendo oligarchias, derrotando hypocrisias, desmascarando superstições, anniquilando emfim dominios cavilhosos e poderios aviltantes, os povos teem sabido caminhar sempre para a frente e cada dia conquistar nova parcella de felicidade. A dôr humana ainda hoje é uma immensidade. Mas o que não era ella ha mil ánnos ou ha dezenas de seculos? Está ahí a chave do futuro. Ahí se abriga a grandeza de melhoramento social que serão os seculos a vir, a revelação consoladora do que vale esta alavanca poderosa que é a intelligencia humana. Mais e mais a sciencia lhe tem alargado a pujança do vôo. E não ha trevas que a sepultem, nem reacções que a subvertam.

Pela humanidade, é o grito de guerra da sciencia. Ainda pelo mundo gemem muita miseria e muita ignorancia; ainda iníquas oppressões esbofeteiam os direitos do homem e vilezas o maculam na dignidade dos seus deveres. E' preciso desembaraçar d'onde vem tanto mal, é preciso resolver este intricado problema das condições que importam as desgraças sociaes. Tem sido o mais activo papel da sciencia n'este ultimo meio seculo. Muito se tem apurado e esclarecido, e as sociedades adiantadas já entram francamente n'este aberto caminho da prevenção do mal pelo melhoramento das condições em que os povos vivem. Quem diria ha cem annos que se pudesse quasi extinguir o alcoolismo que vivia enraizado n'um povo, como na Noruega, ou se houvesse de alcançar uma redução da criminalidade pelo abrandamento dos rigores penaes, como na França? Quem nunca sonhou que alguma vez se mitigasse a miseria operaria pela associa-

ção, como na Inglaterra, ou chegasse a haver um povo absolutamente conscio dos seus direitos e dos seus deveres, como na Suissa? Tem sido o papel da sciencia pelas suas conquistas e pela vulgarisação do saber. Não está ahi uma verdadeira moral, mesmo a moral mais grandiosa, essa que pelo melhoramento do homem trabalha e ás gerações a vir prepara mais completa felicidade?



POVOS, SCIENCIA E JESUITAS

N'este conflicto travado com as atrevidas hostes jesuiticas, é preciso que fique bem assente que, como sempre, a provocação partiu do campo da beatitude e dos olhos em alvo. A minha primeira conferencia sobre os *Neurones e a vida psychica* fôra estrictamente scientifica. Eu dera conta, no seio d'uma corporação medica, das ultimas conquistas realisadas no dominio do systema nervoso e, primeiro que tudo physiologista, entendera dever pôr em luz todas as consequencias que para a psychologia moderna, aquella que anda em cultura nos laboratorios especiaes da Allemanha, da França e da America do Norte, advinham das novas descobertas. Não houvera qualquer ousadia do pensamento que não fosse materia corrente nos povos civilisados, onde dizer alma, immortalidade e outros delirios, não é falar sciencia. Pois tanto bastou para que esta reacção, que temminado o paiz e ameaça devorar-lhe o melhor das suas riquezas em liberdade e independencia do pensamento, se levantasse audaz e intolerante contra aquelle que falava em nome da sciencia, quando o *mot d'ordre* são conferencias e exercicios espirituales, irmãsinhas e devoções, beaterios e retrocessos. Julga-

ram-se fortes e entraram de falar de alto. D'ahi tudo o que se tem seguido, a publicação da *Consciencia e livre arbitrio*, a resposta sacerdotal, que não é discussão mas o mais insolente cachoeirar de insultos e aggressões que se possam forjar em sacristias e finalmente esta replica que terá todos os seguimentos que forem necessarios. Mesmo até á fogueira, se alguma vez conseguissem accendel-a n'esta terra, que tão feliz vivia, sem luctas nem preocupações religiosas, no mais amplo espirito de tolerancia, que *praticantes e não praticantes* deixava inteiramente indifferentes uns aos outros.

A situação hoje mudou, mercê d'esta ousada invasão reaccionaria, que não é senão um signal dos tempos. A philosophia do seculo XVIII desprendera os espiritos das cadeias theologaes, em que se quereriam ver os povos para sempre acorrentados. A revolução franceza levou a onda irreligiosa até aos confins do mundo e foi preciso que se revigorasse a reacção politica do primeiro quartel d'este seculo para que os ousados guerrilheiros do papado invadissem o mundo com as suas manobras surdas e infatigaveis, que ameaçam devorar o livre espirito da humanidade. Do meiado d'este seculo se pôde dizer que data a invasão mais ostensiva da nefasta politica reaccionaria. Politica activa, tenaz, sem descanso, que hoje levantou a mascara e está em caminho de entranhar a sua acção corroedora até ao mais intimo da alma popular.

E' d'esta invasão que estamos hoje soffrendo, depois, muito depois do que na França e na Hespanha tem sido experimentado. E' notavel que por largos annos nos mantivessemos na mesma sobranceira indifferença perante os requintamentos religiosos em que hoje se encontram os povos mais adiantados, os povos de sciencia, como são a Allemanha ou a Suissa. Não pelos mesmos motivos, infelizmente, mas inteiramente com os mesmos resultados.

Na Allemanha ou na Suissa ou na America a illustração popular, a alta intelligencia dos cidadãos, bastam a mostrar a acção religiosa como atroz tyrannia inutil, que só pôde contrariar o movimento da sciencia e tornar infeliz a alma do povo. E' a mais absoluta indifferença *combativa*, que nós vemos ex-

primir-se n'essa promiscuidade de egrejas das differentes religiões, que em todas as cidades marcam por assim dizer a cunho indelevel o nivel intellectual e moral d'um povo. Espectaculo surprehendente esse, em que ao lado das cathedraes se levanta a synagoga ou o templo, sem que reciprocamente pareçam afrontar-se. E' essa indiferença pela religião dos outros e é, ainda mais alto, a cultura intensiva da sciencia que permitem assegurar que n'esses paizes está a salvaguarda do mundo, a garantia positiva do progresso da humanidade. Povos d'esses não oferecem presa ás arremettidas reaccionarias.

Entre nós, gosou-se de analoga e pacifica situação religiosa por dilatado tempo. Mas aqui entrou por muito o nosso temperamento, que em tudo é excessivo, e a nossa recuada situação geographica, que nos faz sempre andar atrasados com as modas do estrangeiro. Como liberdade, fomos adiante de quantos povos, até da revolucionaria França; e como espirito avesso a beaterios andámos por largo tempo ao nivel da nação suissa. Mas depressa recuámos e hoje estamos cahidos em plena reacção devota, em que maravilha será não voltarmos aos tempos fradescos de ominosa e ridicula memoria. Não é excessivo o receio, que a corrente devota do tempo presente é de fazer estalar de riso a quem, ha vinte ou trinta annos, viu uma população inteira fazer gala da mais franca indiferença pelas beatices do culto externo. E não é excessivo o receio, tratando-se, como se trata, d'um d'aquelles povos em que facil presa encontram garras jesuiticas.

Desgraçadamente, é assim. Se o nosso temperamento é excessivo, com excesso cultivaremos os novos ideaes; se dos centros estamos longe, nem por isso deixaram de aqui chegar as modas novas; e para coroamento vivemos entalados entre a Africa e o resto da Europa, constituimos uma zona de transição que diz tudo da nossa illustração e energia, da nossa intelligencia e affectividade. Os povos, com effeito, medem-se pelo grau de *sentimentalismo*, quer dizer pelo predominio maior ou menor na conducção dos actos da vida do *sentimento* sobre o *pensamento*. Não penso fazer injuria a esta terra tendo-a na conta de ainda muito sentimental.



A acção jesuitica tem seguido as vicissitudes do espirito religioso da Europa meridional nos dois ultimos seculos. 1773 e 1814, as datas da extincção da Ordem pelo papa Clemente XIV e da sua restauração por Pio VII, já dizem muito d'aquellas vicissitudes, e o que tem alcançado n'este seculo os «vigorosos remadores da barca de S. Pedro» proclamam-n'o bem alto os factos que não pódem occultar ou elles proprios querem que nós vejamos; hoje, com effeito, já se impõem n'esta terra; julgando-se seguros de victoria, arremessaram a mascara e insolentemente desafiam as idéas de liberdade e de civilisação, embora, pela mais insigne das hypocrisias, seja em nome da civilisação dos povos que se atrevam a falar e a seduzir espiritos ingenuos.

E se o protestantismo e os governos progressistas e revolucionarios não tivessem subtrahido uma grande parte da sociedade á influencia salutar e benefica da Egreja, se esta tivesse continuado a exercer sobre os povos a acção predominante que, na sua propria esphera, lhe compete, o mundo inteiro estaria hoje muitos seculos adeantado em sciencia e moralidade. (C. N., 1918).

Ousam falar em nome da sciencia e da moralidade homens a cujo espirito se devem essas espantosas e seculares noites da humanidade, homens que da consciencia fazem um trapo para que sejam permittidos todos os crimes e todas as ignominias. Felizmente, ahí está o seu passado inteiro de dominio das consciencias e de dominio dos estados a denunciar o que mais uma vez tentam contra a liberdade e contra a cultura. Felizmente tambem ahí temos os seus livros em que sem hesitações nem ambages patenteiam todo o seu desprezo pelos povos e pelas constituições sociaes. Veja-se mais uma vez a obra de Gury e diga-se se é possivel que povos e reis não considerem o perigo jesuita como o mais assustador de quantos venham ameaçal-os:

730.—P. O casamento puramente civil, como se realisa em França perante o magistrado, póde passar por esponsaes?

R. Alguns o affirmam, se os contrahentes estão na intenção de recorrer em seguida á Igreja... Mas é preferivel dizer que não contém nenhuma promessa e não pôde passar por sponsaacs. (P. B., pag. 417, G., II).

P. E' peccado grave contra a justiça fingir, na compra d'um campo, um piêço inferior para pagar menos impostos? O tabellião que conhece a fraude e redige a escriptura deve restituir?

R. Em relação á 1.^a P. ha controversia... A opinião que parece mais provavel dispensa as partes da obrigação de declarar o verdadeiro preço... A' 2.^a P. a resposta é negativa, porque o tabellião não é obrigado, pelo *seu dever*, a fazer pagar o imposto... (V. caso desenvolvido a pag. 122).

817. — ... P. No fóro da consciencia são validos os testamentos tendo por assumpto *causas profanas* e destituidos das fórmãs legaes?

R. Ha tres opiniões provaveis: a primeira dil-os validos; a segunda nullos; a terceira, preferida por S. Liguori ¹, pronuncia-se em favor do possuidor até que o juiz tenha decidido.

P. São validos os testamentos tendo *causas pias* por objecto, se carecem das fórmãs legaes?

R. Sim, e esta opinião é muito commum e muito certa... (P. B. pag. 265, G., I).

184. — P. Os votos dos religiosos em França devem ser hoje considerados como solemnes?

R. Sim...

186. — 1.^a *objecção*: A lei civil oppõe-se na realidade a uma profissão solemne; porque declara que todos os cidadãos são aptos a fazerem contractos, a receberem successões.

R. A lei civil de modo algum se pôde oppôr, quer aos votos solemnes, quer aos votos perpetuos, porque a materia do voto, sendo puramente espirital, não pôde ser attingida, mesmo indirectamente, pela lei civil; porque, se fosse d'outro modo, o poder civil podia derogar as leis da Igreja, o que repugna á razão. (P. B., pag. 336, G., II).

84.—III. Os Principes pôdem fazer leis, que conduzam á felicidade temporal dos seus subditos... Porque receberam de Deus o poder de governar os seus subditos...

93.—Os ecclesiasticos são obrigados a obedecer ás leis civis?

¹ Este S. Liguori, que na moral vae sempre muito mais longe que o compendio de Gury, foi canonisado por Clemente XIV e nomeado «doutor da Igreja» por Pio IX.

R. Com certeza não são obrigados a obedecer ás leis contrarias ás immunições ecclesiasticas ainda em vigor, ou ao seu estado, ou aos sagrados canones¹...

99.— P. Deve-se obedecer a uma lei da Igreja que, prohibida por um governo civil, não foi accepta?

R. Sim, porque a Igreja recebeu a sua auctoridade de Christo, não de qualquer poder civil, do qual é inteiramente independente. Christo disse: *Tudo o que ligares... será ligado...* (Math. XVI, 19)² (P. B., pag. 46, 48, 50, G, I).

A supremacia da Igreja, eis o que está no horisonte dos esforços do papado e para o que concorre mais do que nenhuma esta milicia ardente, irrequieta, e ousada, que são os jesuitas. Seria longo dizer o que teem apprehendido para a conquistar, as luctas sustentadas, as guerras movidas, o sangue que teem derramado e os destroços que apoz si teem deixado. Seria longo recordar os crimes que teem commettido, desde a quebra do sigillo da confissão até á escravidão de populações inteiras, desde a bancarrota até ao regicidio, desde a usura até á captação de heranças, ás caricaturas dos actos religiosos, á revolta até contra o proprio Papa, ás fogueiras em que chegaram a lançar os seus mesmos irmãos. E' hediondo este quadro do passado d'uma Ordem monstruosa que não se chega sequer a conceber como possa existir. E' claro que não a posso aqui repetir,

¹ São formulas timidas, escreve P. Bert em nota, e taes como exige o rigor dos tempos. Mas a verdade, que só o ensino oral ousa hoje proclamar em sua integridade, está contida na palavra de Emmanuel Sá: A revolta d'um clerigo contra o rei não é crime de lesa-majestade, porque o clerigo não é vassallo do rei.

•F. de Castro Palao diz não menos claramente: «O clerigo, como clerigo, sendo isento da jurisdicção secular, d'ahi se segue que não póde estar ligado pela pena que contra elle profere o juiz secular.»

Jacques Gordon: «Assento aqui como certo que as pessoas ecclesiasticas são isentas do poder civil...»

«Haveria grande indecencia em que os clerigos estivessem submettidos ás penas pronunciadas pelas leis civis.»

Busembaum: «Estando os clerigos isentos pelo direito divino do poder civil, as leis civis não os obrigam directamente nem quanto á força coactiva; d'onde se segue que o principe secular não os póde punir». (P. B., pag. 48).

² Não perco a occasião de notar como o texto de S. Matheus fica diferente pondo-o como o faz Gury; realmente o sentido do Evangelista é outro: «E eu te darei as chaves do Reino dos Ceus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos ceos: . . .»

que alargaria excessivamente este trabalho, mas é dever recomendar áquelles que querem saber o que teem sido jesuitas a obra já citada de Huber, professor da universidade de Munich, que, escripta na mais surprehendente serenidade, como que traz o cunho de leal e verdadeira.

Mas o que é preciso é mostrar que os jesuitas de hoje nem seguem processos differentes, nem trabalham em diverso espirito dos seus antecessores. A historia da Ordem n'este seculo ainda está por escrever. O trabalho fez-se de sapa durante dezas de annos e só ha pouco se realisa com menos cautelas e mysterios. Depois o espirito do seculo é outro e muito menos domavel do que o do seculo XVI ou XVII; as mais volumosas patranhas, que então esgazeavam os olhos das populações ignaras, hoje só encontrariam o sorriso da incredulidade, mesmo nas classes populares, que deixaram de viver na braveza dos montes e começam a conhecer a sciencia, uma sciencia chã, vulgarizada, mas que já muito lhes diz do caminho da vida. Depois ainda a epoca é de publicidade e tudo quanto é impresso parece vir aquecido d'uma tendencia de expansão que aos espiritos tortuosos conduz ao odio da letra redonda. Por tudo isto, só aos farrapos se póde alguma coisa saber do que vem feito pelos jesuitas durante estes ultimos annos. Mas o que se sabe já é muito, para que se tenha a certeza de que em frente está o mesmo espirito que sempre levou a seita aos ultimos crimes, guerras e deflagrações sociaes, e que ella tenta os mesmos esforços, violentos ou astutos, mas sempre tenazes, de conquistar o imperio do mundo.

Bastava que vissemos a moral que ainda hoje os dirige. O compendio de Gury, que tão largamente extractámos com auxilio do livro de P. Bert, data apenas de 1890 na edição que temos presente e se póde dizer de hoje. Os principios de moral que lá se inscrevem não foram nem n'um apice modificados depois da publicação do physiologista francez realisada em 1880. Podia-se-hia pensar que esta publicidade imprimida á vergonhosa moral jesuitica levasse a Ordem a ser mais recatada e a deixar de ensinar e applaudir as ignominias que sabemos, tanto mais que Gury morrera e outro jesuita lhe corrigira a obra e a

accommodára aos mais recentes decretos da Santa Sé. Não succedeu assim. As doutrinas conservaram-se as mesmas: é o mesmo probabilismo a auctorisar os actos mais affrontosos á consciencia, e são as mesmas opiniões provaveis dando applauso a todos os crimes e devassidões. Quem obedece a uma moral d'estas póde ter escrupulos nos processos a praticar *ad majorem Dei gloriam*, quando, demais, o Deus de quem elles ambicionam a maior gloria são elles proprios, os homens que se dizem representantes de Deus na terra? E quem possui uma moral d'estas, servindo á absolvição dos mais nefandos peccados, deixará de a utilizar para governar os homens de dentro dos confessionarios?

Hoje porém já se vão patenteando factos positivos que são a demonstração de que os jesuitas são os mesmos que sempre foram. Factos teem vindo a lume que mostram que a sua avareza não mudou e que elles para accumular riquezas a tudo recorrem, desde a captação de heranças até á miseria na alimentação das creanças entregues á sua guarda. E' ver o relatorio sobre o collegio de S. Fiel, que em tempo foi publicado pelo dr. Sousa Refoios e em que sem medos nem hesitações se aponta aos governos o perigo publico do jesuitismo. Hoje, as fontes de riqueza enormemente se teem avolumado. Com toda a sorte de tramas e laços sentimentaes se illaqueiam os espiritos femininos e se emmaranham por associações devotas e caridades piegas e quantas vezes estragadas pelo bafo reaccionario. Vejam-se os livros de Borges Grainha. Talvez aqui haja um recurso a processos antes não empregados, a utilização da mulher, dos seus thesouros de sacrificio e tambem da sua suggestionabilidade, quantas vezes aggravada por uma ignorancia sem limites e por uma intelligencia rudimentar. O que é facto é que hoje, em França, os bens das congregações teem subido a valores que parecem de phantasia. Ainda ha pouco, n'um artigo da *Revue des Revues* (1.º nov. 99), Paul Pottier calculava que, desde 1881, o valor da propriedade *edificada* pertencente ás congregações subira de 800 milhões a 2 mil milhões (360 mil contos de réis), havendo mesmo quem pretenda que, jun-

tando a essa somma o valor dos bens desconhecidos, o total attingiria 10 mil milhões de francos.

E ao passo que o clero regular gosa de taes situações de riqueza e brinca com os milhões, ao passo que n'aquella busca domiciliaria feita aos padres assumpcionistas, que data de cerca de dois mezes, se encontraram titulos e valores ascendendo a mais de dois milhões de francos, os pobres padres do clero secular constituem um verdadeiro proletariado. Os numeros dados pelo artigo a que nos estamos referindo são dolorosos. Não bastava que as ordens religiosas viessem expoliar os curas e vigarios da sua natural influencia sobre as populações, não bastava que os comprimissem sob um jugo humilhante que é a mais revoltante affronta á religião, era ainda preciso que lhes cerceassem o pão do corpo e os obrigassem á miseria e á vergonha.

A outra formidavel arma dos jesuitas é a educação, abrangendo n'esta palavra todas as acções que pódem ageitar um espirito a sentir e a pensar segundo caminhos determinados. O dominio jesuitico sobre os espiritos simples, em especial sobre os espiritos infantis, tem sido sempre poderoso e que elle ainda hoje se exerce pelos mesmos moldes mostra-o o relatorio que acima citámos e que contém factos verdadeiramente preciosos, pela nitidez da sua significação e pela exactidão com que foram colhidos dos proprios jesuitas, que com toda a sua esperteza não lograram enrodilhar os membros da commissão official encarregada de investigar a natureza e ligações do collegio de S. Fiel. Isto passava-se n'um tempo em que os governos sentiam velleidades de resistencia contra a propaganda reaccionaria, que já então se fazia sentir, e pareciam abrigar a pretensão de fazer cumprir a lei que prohibe em Portugal as congregações religiosas. A commissão nomeada no districto de Castello Branco chegou a factos muito positivos e muito elucidativos, mas o seu re'atorio nunca serviu senão de arma de arremesso dos politicos da nossa terra, que conforme no governo ou na opposição se defendiam d'ella ou com ella atacavam. O caso é que a acção da auctoridade continuou ludibriada e as congregações religiosas mais e mais

teem levantado cabeça desde as fumaças legalistas de 1880.

Do relatório da comissão de Castello Branco, que o dr. Sousa Refoios publicou, resulta a noção acima exarada. O ensino jesuitico realisa-se deturpando a historia, emmaranhando philosophias, submettendo conhecimentos litterarios e scientificos á educação religiosa, fanatisando os espiritos, appellando para exorcismos e até, valha-nos Deus, fazendo extenal de immoralidades. Trechos do relatório citado vão dar a medida da veracidade d'esta apreciação. Claro é que os vou copiar, que aquelle trabalho já tem perto de vinte annos e não se encontra facilmente á venda; parece andar muito esquecido e talvez mesmo ainda mais esquecido por isto — que julgamos um facto, pelo menos é impressão muito real — que a reacção religiosa está sendo acolhida mais friamente do que na data do relatório e muitissimo mais do que vinte annos atraz.

Isto vem, é claro, de que as camadas mais illustradas estão-se aquecendo muito menos pelos principios, ou por indifferença singella ou por indifferença complicada de amor excessivo aos interesses materiaes. Não ha duvida que a sociedade portugueza tem passado por uma revolução no seu modo de interferir com os factos. Os sentimentos mais sagrados, o amor da liberdade ou o amor da terra, decahem; é a *blague* franceza transplantada para um clima mais quente e chegando por isso aos excessos, em que no mesmo paiz da *blague* nunca se cahiu. Mas tambem o amor do luxo e das riquezas exaspera-se e d'ahi os egoismos que cada vez mais fazem desprender os laços de solidariiedade d'este povo. E' possivel que haja um terceiro elemento, por modo algum prejudicial dos outros, e é a crença de que hoje é impossivel uma victoria seria contra a sciencia — e reflexo da sciencia são as sociedades modernas com os seus usos livres e o seu desprendimento de espirito. Assim será. Mas para nós a sciencia apenas é de emprestimo e a acção jesuitica já se faz poderosamente sentir, pelo menos em certas classes em que a devoção se tornou elegancia, que a mulher não deixa espedçar. E não só como culto externo, mas ainda como prisão de consciencia que obriga a excessos affrontosos da paz familiar, a exasperos nervosos titillando pelas muralhas da lou-

cura, a situações difíceis que rematam em abysmos cavados no socego domestico.

Isto é o depoimento d'uma testemunha, que tem seu valor ficar lavrado, mas que não nos deve desviar das transcripções promettidas e que offerecemos ás modernas gerações:

A comissão mandou chamar os alumnos que no verão fizeram exame d'história: Convidou-os a que apreciassem a revolução franceza como lhes tinha sido ensinado. Um alumno, que foi approvedo com distincção, foi o unico que se prestou a isso, estimulado pela censura feita a outro distincto, que dizia não se lembrar já.

A apreciação de todo o movimento revolucionario de 1789 a 1793 na França foi a seguinte: que a revolução franceza foi um grande mal, pois que d'ella nasceram todas as idéas de liberdade, que desde então se tem espalhado por toda a Europa.

Esta apreciação é quasi a mesma que os alumnos do collegio fizeram em 1875 no Lyceu de Castello Branco perante as comissões de exames, nomeadas pelo governo. No 1.º dia d'exames apresentaram-se os alumnos dizendo — que da revolução franceza resultaram ainda peiores males que da liberdade d'imprensa. O digno presidente do jury estranhou-lhes que os seus mestres lhes ensinassem aquella apreciação: no dia seguinte os novos examinandos do collegio teciam no exame os maiores elogios á revolução franceza.

D'onde se prova, por um lado a direcção e natureza reaccionaria do ensino, por outro lado a hypocrisia que d'um dia para o outro se recommendou aos novos examinandos; hypocrisia sim, porque a apreciação, ensinada hoje, é a mesma que appareceu no primeiro dia de exames.

O mesmo alumno do collegio, interrogado pela comissão sobre formas de governo, achou a monarchia absoluta notavelmente superior á monarchia constitucional.

. . . e na aula de philosophia encontrou o professor (é verdade que revelando perturbação) a dar uma demonstração da existencia de Deus, tão fóra de tudo o que serve para o provar, que não deixa de a apresentar: — «Deus é um sér omnipotente; logo deve ser uma realidade e não méra possibilidade; sendo possibilidade apenas, não podia ter qualidades e portanto não podia ser omnipotente; logo é uma realidade, logo existe».

Todos os alumnos do collegio estudam ao mesmo tempo n'uma unica sala de estudo: e é notavel que sobre as estantes dos alumnos se encontram, em muitos logares, pequenos quadros de santos, quasi todos em posições de extasi profundo: de modo que mesmo na occasião do estudo se desvia o espirito dos alumnos e se encaminha n'uma direcção determinada.

E isto não desdiz do regulamento para os alumnos externos, que logo á entrada do collegio se encontra n'um quadro; depois de de-

terminar que não será admittido na aula o alumno que não fôr a missa todos os dias e que não assistir a umas determinadas praticas religiosas e não fizer um certo numero de confissões, tem esse regulamento o art. 9.º que diz pouco mais ou menos o seguinte: — «lembram-se de que n'este collegio se dá maior importancia á educação religiosa do que á scientifica e litteraria.»

. . . e sabe mais a commissão que no collegio ha o chamado *retiro*, que consiste em andarem os alumnos durante 3 dias em meditação, sendo-lhes prohibido falarem entre si ou para qualquer pessoa.

O director interrogado sobre o chamado *retiro*, não o negou, mas reduzio-o a um dia só, e uma só vez no anno.

N'uma sala do collegio tem-se já praticado exorcismos, como já foi observado por um dos membros da commissão, e eram elles praticados (segundo declarou o proprio Padre Antoni pelo Padre Antonio Justino, que falleceu o anno passado, que vivia no collegio e que foi vice-reitor do mesmo collegio.

N'estes ultimos tempos tem os padres do collegio animado o povo a fazer confissões chamadas *reparadoras*, com o fim de fazer parar a corrente de expulsão dos jesuitas, começada em França: e quando no dia 3 a commissão ao sahir do collegio entrou na igreja (às 5 horas da tarde) vio uma mulher percorrendo o interior da igreja de joelhos, e foi-lhe explicado que andava em penitencia com o fim que fica apontado.

Em frente do collegio ha um numero consideravel de casas, recentemente edificadas, onde além de dois homens, que são alfaiate e sapateiro do collegio, vivem mulheres sós, na grande maioria novas e solteiras, e as que são casadas vivem alli sem os maridos: algumas chegam a pedir esmola, não trabalham e gastam o tempo em contemplanções: apresentam-se com o olhar baixo e abstrahindo do que as cerca, fanatisadas em summa.

O director declarou que lhe é pouco agradavel que venham para alli viver aquellas mulheres: mas a commissão colheu informações em que confia, e d'ellas resulta que o director adeanta ás vezes dinheiro para aquellas construcções e dirige a parte technica. (*Loc. cit.*, pag. 28... 34).



A historia dos jesuitas é medonho sudario de ruinas e devastações. E não só as devastações materiaes, como aquella a que succumbiu a Bohemia depois da guerra dos Trinta annos, que

foram principalmente os jesuitas a atear, mas ainda as devastações moraes, que privaram de cultura povos antes muito adiantados e providos de rica litteratura. E' a historia da Bohemia e da Polonia, que Huber refere, como a de muitos outros paizes que a acção jesuitica fez recuar no desenvolvimento da sua civilisação. Fala-se muito da sciencia jesuitica, porque ha dois ou tres nomes de mathematicos, physicos ou astronomicos, que ficaram celebres, e que a todo o proposito se apontam; mas não se traz que apparecem esses poucos homens de sciencia n'uma multidão de jesuitas que se conta por milhões.

Que se deve pensar d'uma instituição scientifica que precisa d'uma ordem do geral ou da congregação geral para mudar de grammatica, para adoptar um systema de physica ou de astronomia, d'uma instituição que sobre os seus 50:000 professores de philosophia, não conta um unico que tenha alguma reputação, que, com o mesmo numero de professores de litteratura, produziu tão poucas obras litterarias de valor, e tão poucos mathematicos com os seus 2:000 professores de mathematica? (La Chalotais, cit. por Huber, *loc. cit.*, II, pag. 203).

E não se fala tambem da ruina em que os jesuitas lançaram universidades antes florescentes, como a de Ingolstadt, de Gratz, de Vienna e tantas outras. Huber refere com pormenores essa acção nefasta do espirito grammatical e avesso ao estudo da natureza, que sempre foi o da Ordem. São factos que assombrom pelo que representam de peias lançadas ao livre progredir da humanidade e que por si sós justificam uma traducção, que se emprehenda, do livro do professor de Munich. Mas por mais expressivos que sejam não dão melhor luz que o que temos de casa e convem rememorar. E' para acrescentar á longa lista que Huber insere e muito para ser recordado n'um tempo em que a Ordem se atreve a falar em nome da sciencia, embora o faça em livros que sejam a negação de toda a sciencia e representem crystallisações cerebraes de epochas medievas. O *Compendio historico* anteriormente citado é obra muito para ser relida, ainda hoje. Os estragos que os jesuitas fizeram na universidade portugueza, em sciencia e methodos de ensino, dão a medida da acção perniciosa da Ordem na educação da mocidade. As palavras do livro não podem ser mais severas

como não pôde ser mais rigorosa a demonstração. Um facto unico dá a medida. N'uma epoca em que os estudos anatomicos já tanto tinham progredido sob o secular influxo d'um Vesalio, ainda na faculdade de medicina de Coimbra os jesuítas mandavam «que o Lente Anatomico explicasse os Livros de Galeno de *Usu partium*» e a dissecação anatomica estava reduzida a um numero annual fixo e acanhadissimo :

67. — A falta destas repetidas disseccções, que impedia estudar-se o homem, e fazerem-se demonstrações á vista dos cadaveres, foi a causa do pouco progresso que a Anatomia fez por tantos seculos. Por isso logo que cessáram todos os obstaculos, e ellas foram frequentadas, fez a Anatomia mais progressos no espaço de hum Seculo, do que tinha feito em deus mil annos. Porém os Maquinadores dos Estatutos destas disseccções, e destas demonstrações rípetidas á vista dos cadaveres, que só mandáram ao Lente, que *fixasse Anatomia* (são as suas palavras) *de membros particulares seis vezes, e tres geraes* (a). No que claramente se vê, que não quizeram que os Estudantes fossem bem instruidos contra a Doutrina do mesmo Galeno, o qual impedido pela superstição do seu tempo para fazer a Anatomia nos cadaveres humanos, aconselhava aos Medicos, que fossem a Alexandria (b) para aprenderem a Osteologia á vista dos Esqueletos; e procurava tantos meios para supprir a falta dos ditos cadaveres; e contra a doutrina, e exemplo dos Sabios Anatomicos do mesmo Seculo: os quaes todos só instruidos por este modo puderam adquirir tão vastos conhecimentos na Anatomia: concluindo-se em fim d'estas Reflexões, que os ditos Maquinadores quizeram arruinar a Anatomia, e sujeitar a ignorancia, que por tantos Seculos tinha retardado o bem d'esta Sciencia. (a) *Estatutos*, Liv. 3, Tit. 5, § 23. (b) *Anatomic. Administrat.* Lib. I, Cap. 2. (*Comp. histor.* p. 341).

Toda esta parte do *Compendio historico*, que se refere á formidavel decadencia dos estudos universitarios de medicina, é interessantissima, não só por mostrar a illustração e a grandeza de espirito do medico que a redigiu, mas ainda porque põe em toda a sua luz a acção encadeadora do progresso que os jesuítas por tão largo tempo exerceram. E não era o influxo do marquez de Pombal que tornava o quadro tão claro, visto que já dois seculos antes a decadencia dos estudos era nitidamente indicada por um medico do hospital de Lisboa, Francisco Thomaz, que apenas «não reflectio para a origem do mal, que já

tinha inficionado a Medicina » ; escrevia elle ao bispo D. Jorge de Athaide :

N'este Officio, que V. Senhoria me tem feito mercê, trabalharei fazello, e pollo em bom estado, que affirmo a V. Senhoria, que o achei de todo perdido; e a Sciencia, e Arte da Cirurgia está de todo perdida, como tambem o está a Medicina neste Reino; e para tornar a animar, é necessario muito ainda de N. Senhor, e de V. Senhoria... Já ElRei Dom João, que Deus de Gloria, mandou ler Cadeira de Cirurgia, e que não se examinasse nenhum cirurgião sem ouvir dois annos a dita Cadeira; e em tempo do Doutor Guevara se tratou da Cadeira de Anatomia, e de se fazerem Anatomias, que elle fez algumas vezes. De tudo isto não ha memoria alguma, e se tem examinado quantos Barbeiros ha em Portugal pelo Cirurgião mór, e Fysico mór, de modo, que não ha dous Cirurgiões, de que se possa fiar... A Sciencia da Medicina está de todo perdida em Portugal, e quasi irreuperavel; porque nem na Universidade ha Lentes, nem pôde haver bons Discipulos... Até agora podia-se dissimular esta falta pelos grandes Lentes, que a Universidade teve... &c. (*Comp. hist.*, pag. 311).

Pelo seu desenvolvimento, pelo esmiuçamento dos factos, o *Compendio historico* é dos livros que mais pôdem illustrar um espirito despreoccupado que só a verdade queira alcançar. E não só pela parte que se refere ás coisas da medicina, mas ainda pelas restantes da theologia e da jurisprudencia, e finalmente pela exposição authentica d'aquella moral que tem sido sempre a condemnação dos jesuitas perante as consciencias rectas. São dois trabalhos que dão a medida exacta do perigo jesuitico por que hoje está passando o povo portuguez: o *Compendio historico* e a *Evisceração*. O primeiro fixa com factos incontrastaveis, tirados dos proprios documentos dos reus, qual foi a poderosa acção da Ordem sobre a illustração do povo portuguez, a desolação e a ruina em que ella fez cahir o ensino superior, cuja elevação é o reflexo exacto da illustração popular e da prosperidade d'um paiz. O segundo, que é a declaração de guerra mais ostensiva que n'este seculo e n'este paiz a Sociedade de Jesus tem annuciado, o desafio mais atrevido que nunca ousou depois que foi expulsa d'esta terra, a segunda é a demonstração authentica de que a Ordem se governa hoje pelos mesmos principios que durante seculos fizeram a desgraça dos povos.

O perigo jesuitico, de que vivemos ameaçados e que ha dez annos ninguem esperaria tanto se avolumasse, é sobretudo grave para um povo como o nosso, que está longe da força de resistencia d'um *povo scientifico*. A civilisação portugueza não tem avançado como se poderia imaginar da fulgencia dos primeiros tempos da nossa liberdade politica. As classes populares estão no afflictivo atraso de que a percentagem de 80% de analphabetos no povo portuguez dá bem a medida. O povo não sabe ler. O seu cerebro está virgem para todas as culturas, para a invasão de todas as crendices e superstições que se acordem pela via da pieguice sentimental, do medo do diabo ou do amor aos santos, isto é a invasão de todos os fanatismos que se queiram explorar. Nas classes medias, fóra dos centros, está-se longe de se ter attingido ao nivel intellectual dos povos adiantados, e até n'alguns centros factos recentes demonstram quão pouco a illustração media se tem levantado. O Porto, que é a cidade portugueza que melhor tem sabido defender fóros e regalias populares, ainda no presente momento está dando triste medida do seu valor na escala da civilisação com aquella lucta vergonhosa contra a *fama* de pestosa, que a tem levado a extremos de selvageria e de impudor social. Por toda a parte os egoismos crescem, a indifferença pela solidariedade patria accentua-se, os males do paiz tocam-nos pouco, comtanto que nos salvemos a nós, e já se não veem arder aquelles enthusiasmos que da vontade popular faziam alguma coisa com que contar, e levantavam, ainda não ha vinte annos, ondas de indignação contra as missões fanaticas dos padres arregimentadores. Nas classes mais altas, onde o conservantismo, senão o retrocesso, são a mola primeira de toda a acção, abraçam-se como redemptores aquelles que mais genuinamente representam o que ellas chamam a ordem e a disciplina social, conquistem-se ellas embora á custa de ondas de ignorancia e obscurantismo.

Estas palavras destoam n'este meio podre de indifferenças e egoismos. E' que a corrente dominadora mais e mais vaé sovertendo os espiritos rudes d'outras eras, que da palavra energetica, hoje quasi de rabicho, hoje só desafiando a *blague*, tiravam lategos vingadores com que escorraçavam a funesta rou-

peta que em alfurjas de ignorancia quereria ver enterrado um povo inteiro. E destoam ainda mais no meio d'esta imprensa molle, que pela reportagem sacrifica o sangue mais vivo d'uma geração e em que só encontram echo vibrante as ambições desregradas e aviltantes d'uma reacção poderosa em riquezas e influencia.

E não é que o perigo não seja temeroso. O terreno está preparado para a conquista dos mais audazes, qualquer que seja a feição por que se encare a marcha d'uma sociedade. Escrupulos não ha dos que a querem violar. Receios, talvez sem base, ainda os impedem de se arrisarem. Mas, em compensação, accrescentam-se aos processos velhos processos novos que melhor assegurem a conquista. Não basta o confessionario, não bastam missões, conferencias, retiros e exercicios spirituaes. Forjam-se e executam-se planos praticos de captar as consciencias. A mulher, a eterna alavanca das dominações sociaes pelo sentimentalismo crendeiro, é illaqueada pelas meiguices sacerdotaes e commovida na corda mais sensivel da sua alma vibratil — a caridade. Inventam-se todos os tramas caritativos para dar emprego a exercitos de irmãsinhas. A irmãsinha já é creatura indispensavel na sociedade portugueza: sem ella que seria de tantos velhinhos, de tantas creancinhas, que viriam a morrer ao desamparo, sem ella como se poderia acariciar tanto diminutivo enternecedor que vae preparando legiões fradescas e cohortes de santinhas beatas para poucos annos. As elegancias roçam-se pela sotaina com voluptuosos calafrios de ternura pela unção religiosa e pela santa caridade christã; as pobres de Christo deixam-se arrancar os filhos para seminarios reaccionarios e regalam-se de os ver ensotainados n'essas longas theorias, com que ás quintas feiras, á hora do grande movimento das ruas, por ahi affrontam, no centro da cidade, os espiritos liberaes que ainda vibram; e até os pobres pequenos, que os tenho ouvido, como ás mães, mansamente exprimem a sua anciedade pela vida sacerdotal e o seu desdem por uma mulher que lhes venha a ser companheira nas agruras da vida; ingenuamente se rebellam contra o trabalho, que tão bem conhecem das fadigas do pae; ingenuamente repassam pelo espirito a doçura

d'uma existencia em que as mãos não teem labuta nem canseiras.

As confrarias com pretexto de caridade são hoje as melhores armas da reacção. N'este povo em que a modorra intellectual é a lei, não se pensa que a caridade possa ser exercida sem o padre e sem a irmãinha e não se suspeita sequer a riqueza immensa de conquistas, todos os dias alcançadas nos povos em que a reacção religiosa não põe pé, na protecção da creança e da mulher, do criminoso e do alienado, do vicioso e do miseravel.

Na Allemanha, na Suissa, na Inglaterra, na America do Norte, pullulam associações da mais vasta protecção, da mais larga abundancia de recursos, da mais efficaç accção contra a miseria e contra a desgraça. Intuitos novos lembram todos os dias e todos os dias se realisam. Idéas que nos chegam a parecer estranhas pela novidade vivem realisadas em pratica corrente. E em parte alguma, ou quasi, se veem essas associações legitimamente humanitarias, porque sobre a sciencia se constroem, tolerarem a sujeição ao beaterio vil ou a invasão de congregações devotas.

E' que o ponto de vista é muito mais levantado. Não se explora a ignorancia de povos de vida intellectual nulla, onde a simples leitura diaria d'um jornal é quasi um accidente e onde o jornal é repositorio de mexericos. Não se vae buscar na caridade uma arma para fins tenebrosos. Não se vae valer áquelle que cahiu na desgraça para com o valimento conquistar um coração mais, nem se armam caridades espectaculosas ou piegas, quantas vezes inuteis ou contraproducentes, para aquecer uma propaganda que só tem por horisonte o egoismo de castas escolhidas, — de uns a quietação dos confortos, de outros o dominio espirital que em dominações materiaes acabam por se traduzir.

Não, actua-se em primeiro logar sobre um povo em que a vida do pensamento constitue o character social dominante, em que cada um sabe o que quer e como o ha de querer e ninguem se abandona á catalepsia mental d'estes povos do meio dia, em que hora a hora se vae vivendo a vida que a sorte vae trazendo,

sem outra preocupação que não seja o deixar-se cada qual levar pelos hábitos de todos os dias, que invariavelmente se repetem por semanas, mezes e annos, n'aquelle monotono chiar de nora que é a vida d'um lazzarone ou d'um trappista. Depois, não ha preocupações de scita nem intuitos de dominio, — que um povo de cabeça levantada não toleraria sequer em tentativa. Ha o grandioso ideal da humanidade. Ha a applicação de esforços ao melhoramento do homem. Ha emfim o estudo das condições sociaes, que teem vindo apontar as doenças de que as sociedades padecem e os remedios que podem entrar em acção efficaz. Ora se ataca o mesmo mal e com toda a sorte de intervenções se procura attenual-o nos seus effeitos desastrosos, ora se vão buscar as fontes mesmas do mal para tentar estâncal-as e tornar esteril o terreno em que elle possa desenvolver-se. São associações de prophylaxia como as primeiras o são de therapeutica. Mas umas e outras se levantam n'este grande e puro vôo d'alma que é melhorar a vida e melhorar o homem.

O que se tem feito nos paizes de civilisação é verdadeiramente extraordinario para esta terra que apenas se inquieta com a conferencia que hontem realisaram os politicos F. e F. ou com o casamento que amanhã se vae celebrar da menina X. Faria trabalho civilizador quem, entre nós, se consagrasse a encher um livro com a immensidade de coisas que nos paizes civilisados se realisam em materia de assistencia nacional. Um ou outro echo até aqui chega, mas que depressa se esvae sem provocar uma iniciativa de reproducção, que aliás não encontraria meio que acompanhasse. Mas alguma coisa que dê idéa do que anda feito ainda se não tentou. Não é empreza para este logar. Mas ainda assim um rapido esboço aqui feito não pôde senão valer aos intuitos d'este trabalho e mostrar ao povo que ha coisas ainda mais vastas que o albergamento do velho e do invalido e que vivem e prosperam e fructificam sem necessidade de devotas protecções.

A obra do *Woman's Club* é a instituição mais formosa que nunca tenha sido imaginada. E' uma associação fundada pelas senhoras de Chicago e constituindo uma agencia protectora das mulheres e das creanças. O seu fim é salvaguardar os

direitos de umas e outras, fazer pagar os salarios injustamente retidos ás operarias e ás creadas, impedir os emprestimos usurarios, a violação dos contractos, procurar asylos para as creanças abandonadas, tiral-as das mãos de paes indignos, alcançar o divorcio ás mulheres maltratadas, salvaguardar os direitos das mães sobre os filhos, etc. Esta associação conta quinhentos membros repartidos em seis grandes divisões — os comités de reforma, de philanthropia, de educação, d'ensino domestico, de arte e litteratura, de sciencia e philosophia. Está estabelecida desde 1886, e até abril de 1893 tinha tomado conta de 7197 queixas e tinham-se reunido, por pequenas parcellas, 1.249:687 dollars (muito para cima de mil contos de réis). E não são sómente os interesses materiaes da mulher que entram em jogo: mas ainda se zela pelos seus interesses moraes e se cuida na sua educação, até artistica e litteraria.

Uma associação muito original é a que foi fundada em Boston por miss Ticknor e se destina a estimular os estudos em domicilio por meio de bibliothecas circulantes e de uma direcção por correspondencia dos trabalhos de cada discipula. Em 1873, no começo da associação, seis senhoras se dedicaram a corresponder com as estudantes que primeiro se inscreveram, em numero de 45. Ha poucos annos, quando m.^{me} Th. Benzon visitou a associação (*Les Américaines chez elles*), havia 90 professoras para 423 estudantes, sem contar 46 clubs fundados. São 2000 os volumes em circulação. O trabalho realisa-se de modo methodico, abordando-se de cada vez um só assumpto, historia, sciencia, bellas artes, litteratura, linguas. Que levantamento moral se não alcança dando emprego a horas de ocio, que na vida mais occupada se enxertam forçosamente... O successo da idéa de miss Ticknor é de tal ordem que em diversas partes da America se teem formado associações identicas, a pôr ao lado das bibliothecas publicas livres, permittindo a circulação dos livros entre os habitantes d'uma localidade, e que hoje existem em trezentas cidades só do estado de Massachusetts.

A *Missão dos descalfos* é outra historia interessante e curiosa

da joven America. E' a empreza tentada por uma creança de doze annos de dar sapatos aos pequenos miseraveis e que se tornou tão prospera que só em cinco annos recebeu para cima de 11 mil pares de calçado e quantias na importancia de 5216 dollars.

A cidade industrial de Sheffield (Grã-Bretanha) organisou ha annos um systema de protecção ás creanças abandonadas que é d'uma largueza de affectuosidade que a torna talvez unica na historia da assistencia infantil. A municipalidade adquiriu ou alugou, de preferencia nos arrabaldes da cidade, um certo numero de casas podendo servir ao fim em vista: dar uma familia ás creanças pobres, educal-as como na casa paterna e conchegal-as a uma mãe adoptiva. Os pupillos da Obra espalharam-se assim por domicilios disseminados e é precisamente esta disseminação o principio da instituição: o asylo-quartel, o hospicio-convento, onde se amontoam centenas de creanças, acabaram n'esta organização. O que se fazia e faz nas nossas misericordias não tem paridade com esta organização: em Sheffield, os *homes* estão disseminados, mas agrupam-se sufficientemente para poderem estar sob uma vigilancia superior e, sendo propriedade da associação, obedecem a regras sanitarias a que se fugiria n'outras circumstancias.

Estes engenhosos processos de fazer o bem multiplicam-se nos povos adiantados e muito longe iriamos se fossemos a historiar tudo quanto se tem feito e ahi fica exemplificado. Apenas pretendo affirmar que n'esses povos se fundam por toda a parte associações de intuitos que vão além de tudo quanto entre nós é sabido.—A esmola aviltante substitue-se correntemente pelo trabalho remunerado, e quer sob a fórma de colonias agricolas, quer sob a de officinas, espalham-se profusamente os locais onde os *sem-trabalho* podem ir buscar recursos de occasião sem que appellem para a mendicidade.—Em França, sociedades ha que luctam contra esta afflicção que é a mendicidade das creanças.—N'outros paizes, sobretudo na America, vamos encontrar sociedades de emprestimos para construcções e em que, com systemas de grande engenho, se facilita aos operarios a acquisição da propriedade.—A lucta contra o

alcoholismo tem dado origem a associações poderosissimas, que immenso beneficio teem produzido na prophylaxia d'esse terrivel flagello das sociedades modernas; na Noruega, por exemplo, o consumo de alcool, que era representado em 1876 por 6 lit., 7 por habitante e por anno, desceu até 2 lit., 3 em 1896. E n'estas ligas e uniões contam-se por dezenas de milhar os associados e recorre-se no combate do mal a processos que pareceriam ridiculos n'este nosso canto sorumbatico de exteriores composturas. Mas o que nunca se esquece é a educação popular: não se proferem só predicas aos bebedores, nos carros que percorrem as populações e se transformam em centros de meetings, nem sómente se invadem tabernas para discursos e canticos imperturbaveis sob saraivada de grosserias e doestos; introduz-se a hygiene no ensino primario e a creança que saca da escola traz pelo menos o conhecimento do veneno que é o alcool, conhecimento que livros especialmente trabalhados lhe ministraram completo.—A assistencia maternal é outra ordem de instituições que nas cidades mais populosas veem valer á mulher nos momentos dolorosos da sua especial função e em que tanto se arriscam ella e o filho. As obras de iniciativa particular e municipal, que nos ultimos annos se teem desenvolvido em Paris, constituem o movimento mais sympathico e mais invejavel.—As sociedades de patronagem, tão desenvolvidas na Allemanha, e que tomando o criminoso á sahida da cadeia ou o alienado á sahida do asylo e valendo a um e a outro no que um e outro precisam, quasi que se tornaram órgão obrigado do funcionamento das prisões e dos manicomios.—Hoje, as ligas contra a tuberculose tornaram-se a mira de actividade de quasi todos os povos e por meio d'ellas se lucha, não valendo só ao pobre que cahiu, fornecendo-lhe recursos, procurando salvá-o, mas ainda e principalmente levando a illustração da sciencia até ás classes mais miseraveis e ensinando-lhes o modo de se defenderem contra mortiferos assaltos...

Ora, tudo isto, todas estas associações de indole as mais variadas, estão em pratica corrente nos povos adiantados e ninguém cuida em as ensotainar para que sejam efficazes, como não cuidámos nós quando instituímos misericordias, hospitaes.

e albergarias. Inicativas e boas vontades se aquecem por toda a parte, dedicações se solidarisam, e ao sopro da sciencia muita desgraça se cura e muito mal se consegue evitar. Muito e muito mais se ha de ainda realisar. O futuro da humanidade, como felicidade da vida, como bem estar material, que dá a alegria do lar e torna a existencia ditosa, está n'essa congregação de esforços, que são a realisação pratica d'este dever do homem de trabalhar pelo bem estar do homem, nas gerações de hoje e nas gerações a vir. Não são utopias. Não ha ainda um seculo que a noção estreita da caridade começou a revelar-se na sua impotencia e no seu character aviltante; e tanto se tem feito já... O que não será quando um certo grau de illustração não fôr um accidente no povo, mas um bem commum, quando de todo se tiver conseguido subtrahir a mulher á pequenez de alma que ainda hoje, nos povos atrasados, é a sua parte nas riquezas do espirito e se lhe tiver mostrado a grandeza de conquistas que a sua coragem, a sua dedicação, a sua iniciativa, poderão alcançar.

Tal é a verdadeira e unica moral social e pratica que se tem de fazer entrar no espirito dos povos. O bem pelo bem é dever de todos nós. O bem liberto de preocupações de vida futura, o bem isento de todo o movimento de interesse e despido do character commercial que faz a força clerical. E' o bem hoje francamente realisado por toda a parte onde os povos se não rojam ás artificiosidades espirituaes, que o querem bem calçado na ignorancia e na estagnação intellectual. E' o bem que ha de acabar por quebrar essa arma poderosa de que tão habilmente se serve a moderna invasão de barbaros que estamos padecendo; será o fim da caridade christã que leva á seraphica protecção dos velinhos e das creancinhas para conquista d'almas e de riquezas, e que tambem conduz aos desbragamentos de linguagem virulenta contra os pobres que pela sciencia erraram e pela caridade deviam ser ensinados e não — ai de nós! — escarmentados...



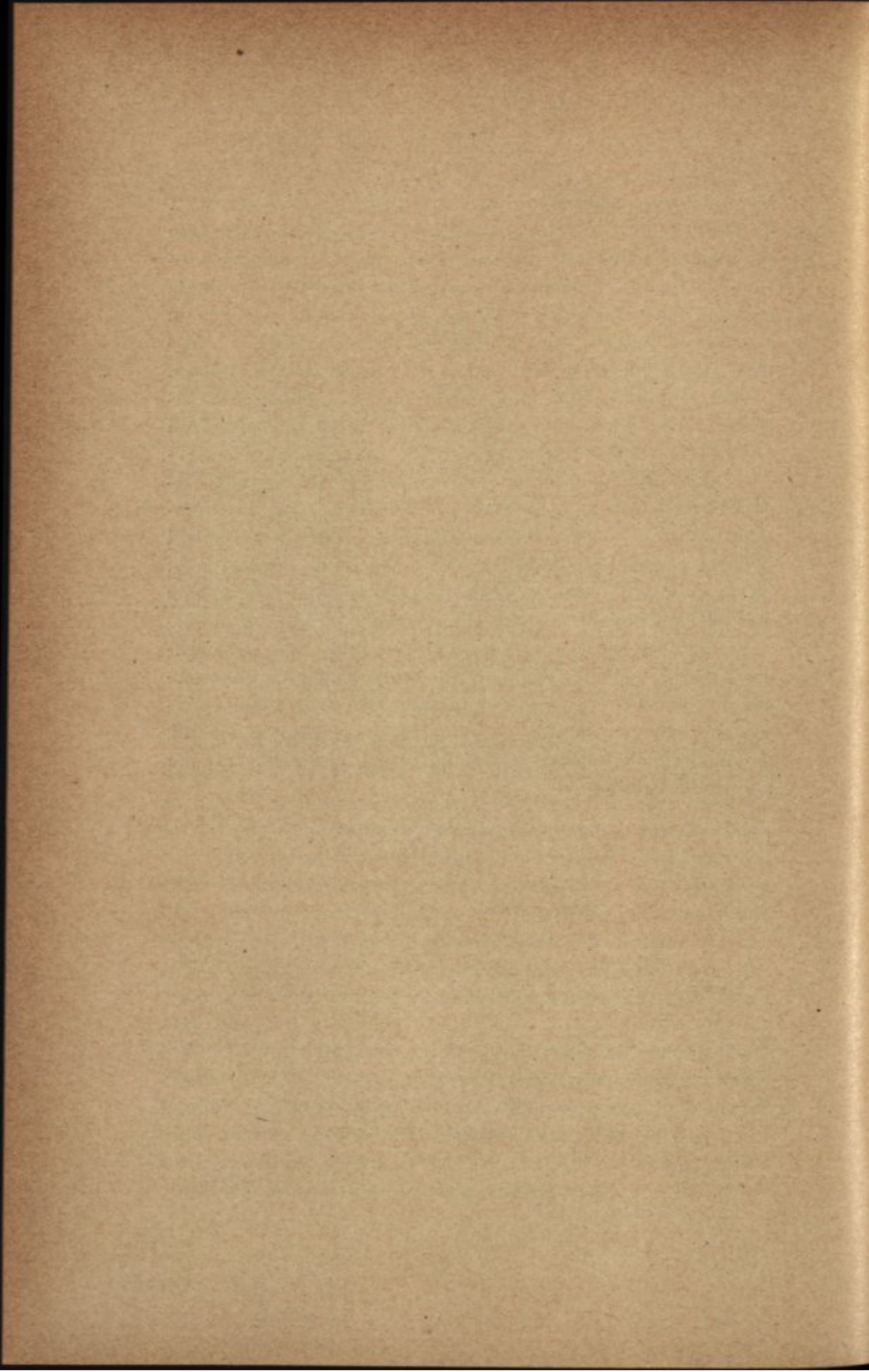
Se é novo algum dos processos de que se valem os jesuitas de hoje, velha é a sua historia e a historia dos seus dominios e invasões. Os seculos xvi a xviii foram os da infatigavel lucta sustentada por elles contra povos e contra reis. Luctas materiaes em que rios de sangue correram nas guerras e morticinios que provocaram e aqueceram. Luctas de interesses em que se tornaram na colossal sanguessuga espoliadora que anemiou os povos até á miseria. Luctas de poderio em que tanto soffreram os corações rebeldes que se erguiam na sua marcha de conquistadores. Luctas emfim de dominio dos espiritos em que trabalharam com afinco pela ignorancia dos povos e ousadamente tentaram suffocar a livre expansão do pensamento, a voz victoriosa da sciencia, que lhes fará agonisante a vida e acabará por os esmagar.

Foram tres seculos de uma agitação incessante que, nos seus instinctos de sanguinaria ferocidade, os jesuitas alimentaram sempre com o fogo do seu ardente mysticismo, com os impetos da sua incommensuravel ambição. Mas povos e reis acabaram por comprehender que a felicidade e o socego das populações eram incompativeis com as artes perversas, que de continuo os lançavam em sobresaltos de dôres e affeições. A todo o momento expulsos e a todo o momento voltando e arremettendo, ora em hypocrita submissão, ora em altaneira rebeldia, os jesuitas acabaram por ser exterminados nos dominios da Christandade.

E' eloquente lista, essa, das expulsões que a Ordem soffreu. Flandres, 1556; França, 1594 e nos nossos dias; Veneza, 1606; Cantão de Vaud, 1627; Russia, 1688; novamente em 1719 e ainda outra vez em 1820; Hungria, 1707; Duas Sicilias, 1715 e novamente em 1767; Portugal, 1759; França e Hespanha, 1767; Malta, 1768; Parma, depois d'este anno. . . — são da los

historicos demonstrando o que tem sido em todos os estados a Ordem dos jesuitas, as discordias e sedições que por toda a parte moveram, a acção desmoralisadora com que corrompiam e aviltavam os povos e arruinavam os legitimos interesses da mesma religião. São estas, mais ou menos, as palavras do marquez de Pombal no decreto que os expulsou de Portugal e são a medida exacta da acção dos jesuitas nos tempos do seu poderio.

Hoje voltam á carga. Hoje tentam de novo apossar-se do espirito d'uma população inteira e abusar da simplicidade d'um povo para o domar e trazer governado. Os tempos porém correm outros. Ha de feito um vento de reacção que sopra na Europa meridional; mas as messes já se não curvam na humildade antiga. A sciencia já tem impregnado estes povos do sul o bastante para que as intelligencias não vivam nas trevas de ha dois seculos, o bastante para que o terreno não seja rebelde aos ensinamentos da historia. E a sciencia é a insuperavel barreira que lhes inutilisará todas as arremettidas, todos os esforços d'esses insensatos pygmeus que tentam alluir-lhe os alicerces. E a sciencia é o progresso mesmo dos povos. Poderá a civilisação offerecer hesitações, paragens, apparentes recuos até, nada porém de humano poderá haver que venha estorvar-lhe a gloriosa ascensão.



PSYCHOLOGIA DO JESUITA

A historia inteira dos jesuitas denuncia-lhes a desenfreada ambição de dominio e a total ausencia de escrupulos no caminho que pisam. A todo o minuto apregoando a sua humildade e a sua pobreza, a nada menos se abalançam do que a governar os povos e a governar os reis. A toda a hora falando em nome da consciencia, aboliram de vez a consciencia na conducta da sua vida. Todos os meios lhes são bons. Se em theoria alguma vez recuaram na defeza do seu grande principio de que o fim justifica os meios, na pratica sempre foi esse o lemma da sua acção, em batalhas abertas ou em guerras subterraneas.

Milicia denodada do papado, sempre defenderam o poder supremo do chefe da Igreja; o papa «póde abrogar as leis, cassar julgamentos, chamar para o seu tribunal processos temporaes, prohibir aos principes guerras injustas, impedir a tolerancia em favor dos hereticos, obrigar os soberanos a castigar a heresia, destituir os principes e desligar os subditos d'um rei do juramento de fidelidade.» E' a doutrina ainda hoje defendida e o fim ultimo de todos os esforços. Para lá chegarem, não teem tremido diante dos crimes mais nefandos, até ao applauso e ao incitamento ao assassinato dos reis, senão ao mesmo regicidio. E' ver a historia de Henrique III e de Henrique IV, de França, a historia de Isabel, de Inglaterra.

Sobre os povos, é o dominio das consciencias pelo fanatismo,

pelo terror, pela annullação da intelligencia. Pretendem-se educadores, mas só fazem educação, ao seu feitiço, das classes que podem ter poderio e os podem enriquecer; não ha uma escola de instrução primaria que os jesuitas tenham instituido. Mais do que ninguem contribuíram para espalhar idéas de magia e feitiçaria, que ainda hoje sustentam e lhes serviram para as suas sanguinarias perseguições, para as ondas de sangue que no mundo tem feito correr. Os progressos da sciencia são torcidos por phantasmagorias escolasticas que os desvirtuam e lhes furtam a levantada significação. O que é preciso é que o espirito popular viva bem obscuro e bem ignorante. E' sobre a ignorancia e sobre a estupidez que melhor presa tem o fanatismo e mais fructifica a exploração jesuitica.

Taes são os fins e os meios dominantes. E favorecendo uns e outros, qualidades de espirito inflexiveis que fazem dos jesuitas de hoje e de hontem o reflexo fiel do fundador da Ordem. Brigões por indole e por politica, querem em torno de si a batalha, que se figura ser batalha de idéas, e que só pelo ruido serve, estimulando zelos e aquecendo dedicações nos que os seguem. Provocadores e aggressivos, lançam-se á peleja armados de insultos e improperios, em que esquecem a caridade christã que tanto apregoam. Duros como algozes, não se commovem com a desgraça e seguem audazes deixando apoz si ruinas e maldições. Hypocritas até á medulla, confessam a permanencia das leis da natureza (*C. N.*, 1858), ao passo que prégam a intervenção perenne da Providencia nos negocios do homem e defendem o milagre, quando milagres não artimanham nos seus momentos de afflicção. Eternos revoltosos, chegam a rebelar-se contra os breves pontificaes, como se viu na historia das missões da China e da India, em que foram até á fogueira contra os seus próprios companheiros no sacerdocio, ou fingem acceitar as condemnações papaes da sua moral, para logo a torcerem com excepções, como se viu a proposito das compensações occultas (pag. 124). Exploradores da pobreza dos espiritos, servem-se do confessorio para os seus fins tortuosos, pela denuncia e pela espionagem. Immoraes até á gangrena, para todos os crimes acham justificação, sorrisos para todas as

infâmias. Irreligiosos enfim, elles que se dizem a milicia audaz da religião e que em nome da religião combatem, não hesitam em a arremessar para o lixo quando lhes convem, quer mascarando o catholicismo com praticas ridiculas d'outras religiões, como fizeram na China, quer polluindo com a sua peçonhenta casuistica o que ha de mais puro no espirito religioso, sustentando que o homem pôde alcançar a felicidade eterna sem o amor de Deus:

Escobar, depois de ter posto a questão de saber em que momento se deve amar a Deus, cita uma serie de respostas dadas por auctoridades da sua Ordem. Vasquez crê que basta amar a Deus no fim da vida; outros pretendem que é na hora do baptismo, ou no momento em que Deus vos surprehende com um dom particular da sua graça, ou então nos dias de festa. Hurtardo de Mendoza sustenta que basta amar a Deus uma vez por anno; Coninch julga que nos devemos resolver a isso tres ou quatro vezes por anno. Filliutius acha que é excessiva severidade tal exigencia: uma vez todos os cinco annos basta provavelmente; de resto, devemos entregar-nos a tal respeito ao juizo das pessoas sensatas. Henriquez pensa que tres vezes são necessarias; a primeira, no momento em que a razão desperta; a segunda na hora da morte; a terceira, no decorrer da vida. Escobar adopta esta ultima opinião.

Antonio Sirmond declara que Deus se contenta com a nossa obediencia sem exigir o nosso amor. «Não é mandamento que o amemos; é só prohibido que lhe tenhamos odio.» Ainda mais: Arriaga sustenta que propor o odio a Deus como fim á sua vontade pôde crear-nos um merecimento para a vida eterna. (Huber, *loc. cit.*, II, pag. 69).

×

Ora agora, como succede que em cada geração tantos e tantos milhares de homens maus se aggreguem com as mesmas qualidades de espirito para se pôrem fóra da humanidade e luctarem contra o progresso e contra o desenvolvimento das sociedades? Como se faz que esses homens tenham de todo esquecido que a vida terrena é alguma coisa de muito positivo, que o bem material do homem vale alguns esforços, e queiram ver suplantado o momento presente

um futuro que é um enigma? Como succede ainda, a sup-
pol-os sinceros, que, para conseguirem a absorpção do ho-
mem n'uma espiritualisação vã, hajam recurso a processos que
a consciencia humana condemna, á sujeição das coisas as mais
santas, que são o caracter das almas honestas, ás deducções
absurdas que se tiram com uma dialectica palavrosa? Como
acontece enfim que, ensopados no sangue das suas victimas,
carregados de tantos crimes, guerras, massacres, escravidões,
usuras, fraudulentas bancarrotas, expoliações, morticínios, en-
sombreados com a propaganda moral que é a corrupção dos
espíritos, ainda hoje pretendam á pureza e á santidade e quei-
ram que os julguem afogueados no amor da humanidade?

Estas interrogações, que no seu duro realismo deixam atto-
nito o espirito do homem, quasi que ficam sem resposta, que
o problema é muito difficil. Ainda se comprehende, admit-
tida a sinceridade do fim, que haja espiritos que se deixem
levantar em mysticas contemplações, e se deixem arrebatár
em perdições de extasi perante as idealisações d'uma intel-
ligencia em delirio. A historia das loucuras epidemicas e
ainda mais a das loucuras religiosas permitem ver, á luz da
sciencia moderna, como um espirito se deixa arrastar a actos
de alienado sob a influencia de acções psychicas e até de
acções phisicas, que pela sua monotona e inquebrantavel re-
petição põem o cerebro n'um estado de vibratilidade impos-
sivel de definir a não ser pelos seus effeitos. A loucura con-
vulsivante impregnada de possessões diabolicas, extenden-
do-se á população inteira d'uma aldeia ou d'um convento,
tem sido bastas vezes descripta. Os derviches que uivam
e os derviches que corropiam, producto curioso da reli-
gião musulmana, não são mais do que a reproducção mo-
derna das loucuras da antiguidade pagã, das adorações fu-
riosas de Cybele ou de Baccho. Os flagellantes da idade me-
dia, os convulsionarios de França, os revivalistas da Irlanda,
são tudo modalidades de manifestação dos mesmos estados
de tensão em que os nervos são postos sob influencias va-
rias. Aqui, é uma acção de imitação ou de auto-sugestão,
como n'aquelles que se approximavam do tumulo do diacono

Páris e cahiam em crises de excitação e convulsões. Outras vezes, é uma influencia moral complicada d'uma intoxicação, como na celebre seita dos assassinos, que em obediencia ao «velho da montanha» se matavam uns aos outros n'uma agitação furiosa e na total indiferença pela morte. Outras ainda, é a fé inabalavel nas mais monstruosas phantasias, conduzindo ás ultimas extravagancias de fanatismo, á celebração da missa em completo estado de nudez como na seita dos adamitas, do 2.º seculo, ou á castração total ou parcial como na seita russa dos skoptzky. Outras emfim, é o movimento estereotypado indefinidamente repetido, acompanhado por vezes de canticos plangentes e monotonos, que conduz os fieis aos ultimos excessos de violencia e de furia.

Em tudo isto não se vê senão a infinita variedade de influencias actuando sobre o cerebro e que todas se condensam n'uma influencia unica — que é a suggestão e a tensão dos poderes imaginativos até á allucinação e ao delirio. Mas em nenhum dos exemplos apontados se descobrem os requintes de acção, as verdadeiras luxurias de afinagem cerebral, como na Ordem dos jesuitas ou ainda nas congregações do Islam, d'onde Loyola copiou a sua sociedade, conforme parece hoje provado. Aqui, são exercicios e meditações, contemplanções e extasis, prolongando-se por muitas semanas, com inteiro isolamento do mundo, com absoluto silencio, com o espirito tendido para as idealisações catholicas e sua objectivação, que lançam o espirito em transportes e allucinações que já são um pé assente no terreno da loucura; medita-se sobre o peccado, contempla-se a vida e a paixão de Christo, penetra-se nos mais obscuros mysterios da Egreja, e de estagio em estagio como que se vão desprendendo os laços da carne e o espirito se absorve no seio de Deus, cujo louvor é o fim ultimo da humanidade: «Recebe, Senhor, o meu livre arbitrio; recebe a minha memoria, a minha rasão, a minha vontade. Tudo o que possuo, tu m'o deste; eu t'o restituo e abandono á tua santa vontade o cuidado de dispor de tudo: só uma coisa te peço, o teu amor, a tua graça; concede-m'a, e eu serei rico, e todos os meus desejos serão satisfeitos.»

Para esta situação, para esses transportes apaixonados de verdadeira loucura, que tão nitida se pronuncia nas extravagancias islamicas como no paganismo antigo, nas epidemias hystericas dos conventos como nas convulsões do cemiterio de St-Médard ou nos mysticismos jesuiticos, é factor da maxima importancia a acção externa, mas não é o unico. E' preciso fazer entrar em linha de conta com o cerebro, tal como nasceu e que, invalido, facilmente resoará á percussão exterior, ou tal como foi disposto por diuturna influencia, que póde ser alimentar ou toxica, ou emfim tal como foi remodelado por uma longa educação apropriada, que o poz no estado de obedecer ás auto-suggestões ultimas. E' a situação na loucura jesuitica. Ainda assim, dada a menos chocante brutalisação cerebral, dada a natureza da acção, que procede de modo lento embora continuo e cujos effeitos são como os da avalanche, é de admittir a necessidade do predominio no resultado final d'um cerebro congenitamente tarado. Eu penso que não póde ser jesuita quem o queira; ha cerebros predispostos para esse mal, como os ha feitos para o crime vulgar, como os ha talhados para a loucura ordinaria, e um dos mais importantes papeis dos que já estão entranhados na Ordem deve ser o de procurar nos collegios e seminarios os seus filhos espirituaes, á sua imagem esculpidos, o de fazer a selecção das vocações. A veracidade dos typos profissionaes de Tarde, de um modo geral, é para mim uma realidade. O crime é, n'esse sentido, uma profissão e o criminoso tem o seu typo professional. O typo professional do alienado é quasi do dominio commum. O *facies* do jesuita tambem difficilmente engana.

Comprehende-se portanto, á luz dos factos modernos da anthropologia criminal e da psychiatria, como deve haver cerebros modelados para o jesuitismo. O que se comprehende menos talvez é que, dado o delirio e dada a allucinação, isto é o arranco mystico, se haja tão absolutamente perdido a humanidade, chegado ao desprezo das mais sagradas leis da consciencia, deixado apagar os ultimos escrupulos, e se tenham emfim enchido perto de quatro seculos da historia

com aquella fama, que para a raça humana é tão conspurcante como póde ser a criminalidade.

Mas é provavel que a interpretação esteja ainda nos mesmos factos da psychiatria. Hoje sabe-se que não ha delirios parciaes; um espirito tocado pela loucura é louco todo elle e não só nos limites que na apparencia vem marcar tão nitidamente o delirio especial. Tudo se encadeia n'um cerebro. Um que soffre idéas de perseguição não é um homem normal que, pensando e procedendo correctamente em tudo, apenas imagina com a força da realidade que lhe querem mal e o fazem padecer dôres e afflicções. Pelo contrario, todos os actos, todas as idéas, todos os sentimentos, se encontram affectados em mais ou menos alto grau, tudo soffre e tudo se sujeita á idéa delirante primordial. Assassínatos, suicídios, preocupações fixas que a tudo ligam á idéa delirante, odios, rancores, desconfianças, susceptibilidades, humor aggressivo, tudo isso se junta e tudo vem revelar que o cerebro inteiro está atacado. Que é pois de admirar que na loucura jesuitica tudo, absolutamente tudo, convenções sociaes, gritos da consciencia, fulgores da verdade, se tenha sacrificado á idéa fixa, a unica que arrasta, a unica que domina e se impõe: *Ad majorem Dei gloriam?*

E' sabido que me hão de dizer que tambem aqui ha um tanto de idéa fixa de alienista. E' preciso porém que se saiba que os quadros da loucura se teem alargado á medida que as origens da alienação mental se teem apurado e que ninguem poderá hesitar em metter a dentro das fronteiras da alienação todas aquellas situações mentaes que discordam de usos e convenções sociaes e que disparam do meio ambiente, que é uma media de affectos e intelligencia. E isto é confirmado pelo estudo das origens, que na defeituosa evolução do homem, nos germens primeiros ou no ovulo fecundado, dentro da matriz ou nas primeiras edades da vida, vê o terreno mesmo em que se desenvolvem aquellas situações mentaes, isto é todas essas multiplas individualidades não sociaes, que veem parar aos manicômios ou fóra d'elles chegam a passar a vida inteira, embora discordante da media corrente e não tarada pelo estigma evolutivo.

Ora, sendo assim, como interpretar espiritos que se consagram á cultura d'uma idéa fixa e que a ella submettem affectos, sentimentos e obras e só não submettem a humanidade inteira, por que não pôdem? De resto, isto vive mais ou menos esboçado no espirito de todos. Quem se recusa a ver a loucura no mysticismo de S.^{ta} Thereza?

Por isso, penso que não fujo da verdade scientifica vendo no mysticismo jesuitico uma fórma paranoica, que, embora incuravel, devia ser isolada nos manicomios, pelo mal que faz á humanidade.

Claro é que não posso referir-me senão ao jesuita que é sincero. A protecção social deve acolhel-o com aquella commiserção e benevolencia, que hão de ser a moeda corrente quando as sociedades se tiverem constituido ao calido bafo da sciencia: apenas terá de precaver-se das suas tendencias malfazejas pelo internamento manicomial, visto que a sociedade tambem carece de se proteger.

Para os outros, para os que não são sinceros, a installação deve ser differente e não me arredo do que tenho escripto do destino a dar aos criminosos vulgares. Em trabalho anterior defendi a idéa da relegação dos condemnados em ilha bem perdida por esses mares, onde não possam prejudicar, nem procrear. Com os jesuitas, que menos presam os arrebatamentos mysticos do que as commodidades da vida, haveria uma rasão maior, e é a de arredar todo o perigo de propaganda, que é mal talvez ainda mais grave do que qualquer dos outros maleficios que lhes podemos dever. Seria uma pratica sensata e tranquillamente apontada pelos seculos de atraso que a humanidade lhes deve. N'uma ilha bem perdida, onde não mais se pudessem fartar de riquezas nem mais fanatisar os espiritos ingenuos, e a maior parte das luctas, que fazem a desgraça da humanidade e a todo o momento prendem o homem no seu vôo de progredimento, de vez se teriam extinguido.

Post-Scriptum

AINDA O SABIO HAMANN

Uma correcção preciso fazer ao que escrevi a pag. 78 d'este livro. As duas edições allemãs, 1.^a e 4.^a, da *Historia natural da Creação*, de Haeckel, não são eguaes. Mas nem por isso deixa de ser falsa a accusação de Hamann; é negocio que ficou liquidado na 4.^a ed. da *Anthropogenia* (1879); e exactamente por isso ainda é mais extranha a attitude do sabio *Privatdocent* indo buscar para a sua critica uma edição antiga, quando outras havia recentes e corrigidas.

Mas ainda mais vim a saber hoje e é que Hamann não trabalha só para os jesuitas, como ficou demonstrado, mas ainda trabalha n'outras artes que se vão ver do seguinte fragmento da carta que o professor Haeckel acaba de me dirigir:

O dr. *Otto Hamann* foi durante 13 annos meu discipulo e depois assistente, e o mais enthusiastico dos assistentes! As suas numerosas cartas estão cheias de admiração e veneração. Em 1850 entrou n'um concurso com muitos outros discipulos meus para obter a «*Ritter — Professur für Phylogenie*», cadeira para cujo preenchimento eu tinha o direito de propôr. Preferi então outro discipulo (o dr. *Kis-kenthal*) mais habil¹ e de character mais seguro. Pouco tempo depois, o dr. Hamann (então *Privatdocent* em Goettingue) atacou-me com a maior energia, no seu livro «*Entwickelungslehre und Darwinismus*». N'esta obra sustentou — como verdadeiro apostata e *perfidio*

¹ Não afirmo que seja esta a palavra exacta, visto que no texto é quasi incompre-hensivel.

mentiroso que era — opiniões e princípios completamente oppostos ás opiniões que durante 13 annos defendera.

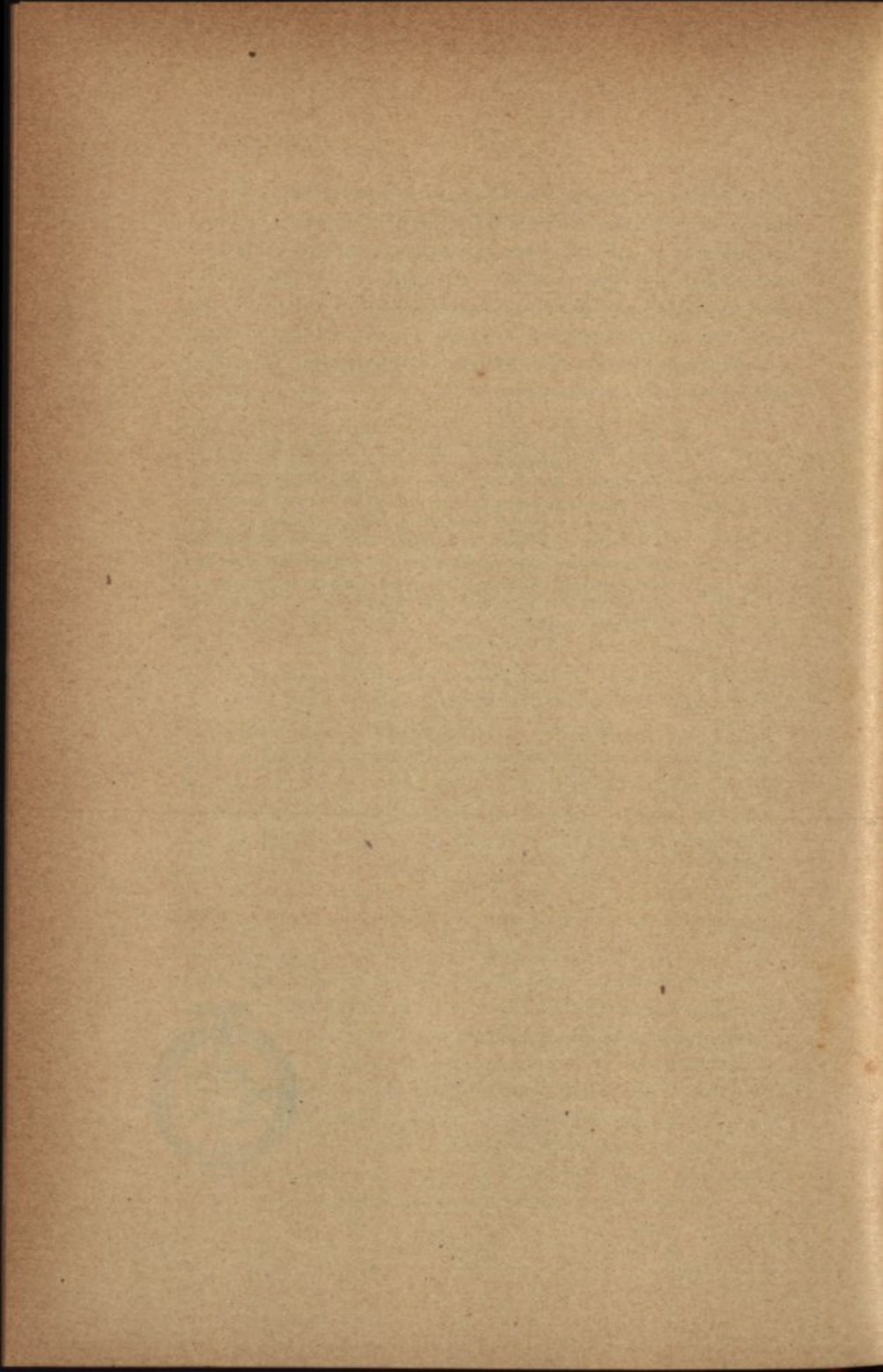
Todas estas explicações a que me vi obrigado a respeito do prof. Haeckel e das idiotas accusações que lhe foram dirigidas, só aqui se tornam necessarias. Em paiz mais adiantado todos se ririam de que se appellasse para um Hamann qualquer como arma de ataque contra Haeckel. E' que Haeckel é das figuras culminantes do actual seculo scientifico. A sua obra inteira, para cuja exposição bibliographica não chegariam muitas paginas d'este livro, é um monumento de labor intelligente, de aturadas investigações de laboratorio, de grandiosas concepções scientificas e de levantada dedicacão ao livre pensamento. Foi o seguidor de Darwin e aquelle que soube, com espantosa somma de observações, definir por assim dizer o transformismo, schematisal-o n'uma arvore genealogica que terá defeito, mas ainda é uma obra grande. Haeckel é um nome venerado em todos os paizes onde o trabalho scientifico não é cousa vã. Os seus livros tem edições numerosas na Allemanha; em 4 annos (de 1868 a 1872) passaram quatro edições da sua *Historia natural da Creação*, que é um grosso volume, enriquecido de gravuras e laminas á parte, e portanto um livro caro; ainda hoje não está exgottada a aura que o envolve, visto que em 1898 se publicou a 9.^a edição, consideravelmente augmentada — 900 pag., 30 laminas á parte. Ao lado d'esta obra monumental, outras não menos importantes: é a *Anthropogenia*, é a *Phylogenia systematica*, em 3 vol. (1894-1896), etc., etc., e é a ultima que acaba de vir a lume — *Die Welträthsel* (Os problemas do mundo), *gemeinverständliche Studien über Monistische Philosophie*, que já está sendo traduzida para o inglez e para o italiano e que, publicada ha tres mezes, tem tido uma procura que a esta hora orça por 6000 exemplares vendidos. Além d'isso, os livros de Haeckel estão traduzidos em todas as linguas de paizes scientificos e o seu nome é tão illustre fóra da sua terra que ainda ha dois dias, em 8 de janeiro corrente, a Academia das Sciencias de Turim resolveu conferir-lhe o seu premio Bressa, de 10.000 liras, como premio de honra pela *Phylogenia systematica*, «uma das mais importantes obras do seculo».

E é contra um homem d'estes, que é honra da humanidade, que se dirigem ataques mesquinhos, falsas accusações, injurias vergonhosas. E' que esse homem sempre defendeu e ainda hoje defende, tenaz e vigoroso como um rapaz, o direito do livre estudo da Natureza, o direito do livre ensino da Verdade. E' que esse homem nunca poupou a reacção feroz que tenta soverter a intelligencia humana nos abysmos da ignorancia e da estupidez. E' que esse homem escreveu:

No numero dos phenomenos mais espantosos do seculo XIX e dos que mais envergonham a rasão humana, está a influencia persistente da poderosa hierarchia do Vaticano, que chamamos o papismo. Sabe-se que esta caricatura da religião catholica está em completa opposição com a sua fôrma primitiva. Os votos de renuncia e de amor do proximo, de pobreza e de castidade, desde muito que deram lugar ao contrario. As benções Moraes do christianismo puro, cuja unica base solida é o Evangelho do Novo Testamento, tornaram-se em maldições dos povos pela acção do papismo (Haeckel, *Le Monisme*, pag. 46).

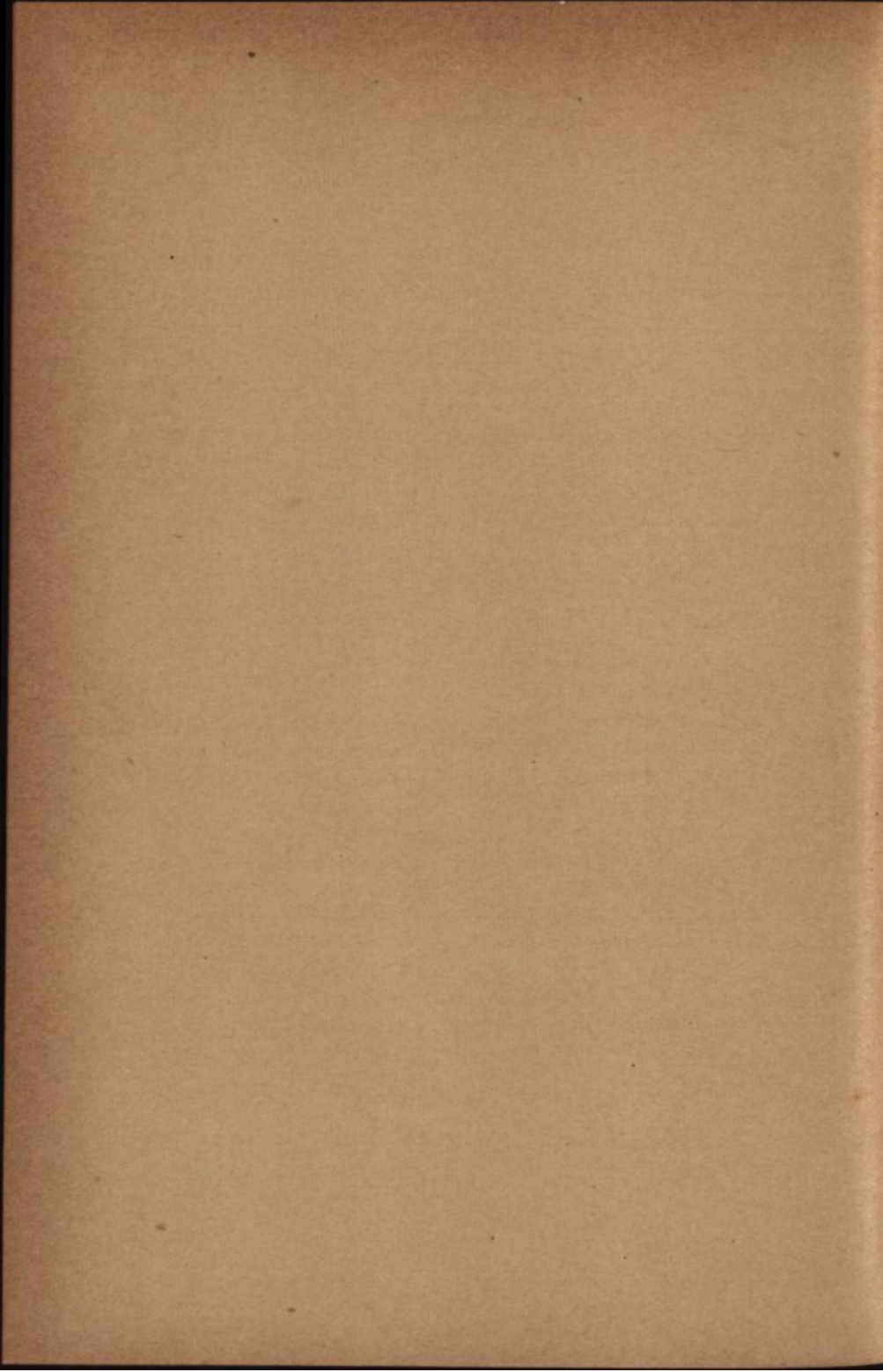
FIM





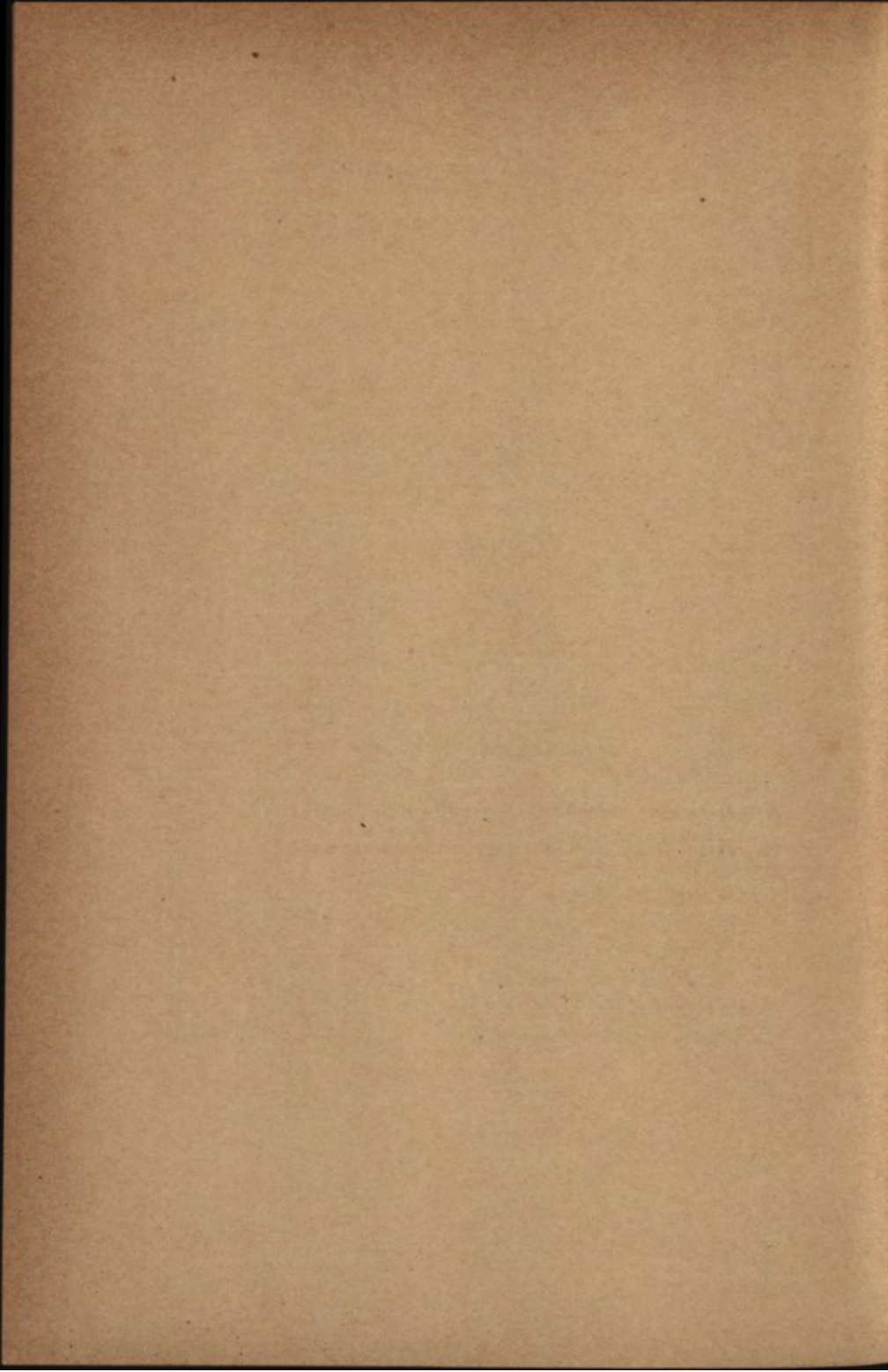
PRINCIPAES FONTES BIBLIOGRAPHICAS

- A.-D. WHITE, antigo presidente e antigo professor d' historia da Universidade de Cornell, embaixador dos Estados Unidos em Berlim. *Loc. cit.* pag. 9.
- J. HUBER, professor na Universidade de Munich. *Loc. cit.* pag. 37.
- J. BARNI, professor da Academia de Genebra, deputado da Somme. *Loc. cit.* pag. 12.
- TH. FLATHE, HERZBERG, FERD. JUSTI, PFLUCK-HARTLUNG, PHILIPPSON, HANS PRUTZ. *Allgemeine Weltgeschichte*. 13 vol. Grote. 1884-1892.
- PAUL BERT, deputado professor na Faculdade das Sciencias de Paris. *Loc. cit.* pag. 102.
- Compendio historico* cit. pag. 102.
- SOUSA REFOIOS, lente de medicina na Universidade de Coimbra. *O collegio de S. Fiel no Lourical do Campo* Coimbra, 1883.
- A Santa Biblia* traduzida pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres. 1828.
- HAECKEL, doutor em philosophia, em medicina, em direlto, em sciencias, professor na Universidade de Jena. *Loc. cit.* pags. 78 e 79.
- BORGES GRAINHA, com o Curso superior de lettras e professor do Lyceu de Braga...
Os Jesuitas . . . Porto. 1891.
— *O Portugal jesuita*. Porto. 1893.
- F. DINIZ *Historia de Portugal*. Lisboa, s/d.
- GURY, da Sociedade de Jesus. *Loc. cit.* pag. 103.



INDICE

	PAG.
Preambulo	V
A SCIENCIA E O JESUITISMO	I
1. As verdades reveladas	3
2. As verdades primordiaes	25
3. Pias fraudes	35
4. A sciencia jesuitica	47
5. O talento dos jesuitas	69
6. O fundo da questão	83
7. A moral jesuitica	101
8. A moral theologica e a moral scientifica	149
9. Povos, sciencia e jesuitas	155
10. Psychologia dos jesuitas	181
<i>Post-scriptum</i> . Ainda o sabio Hamann	189
Principaes fontes bibliographicas	193



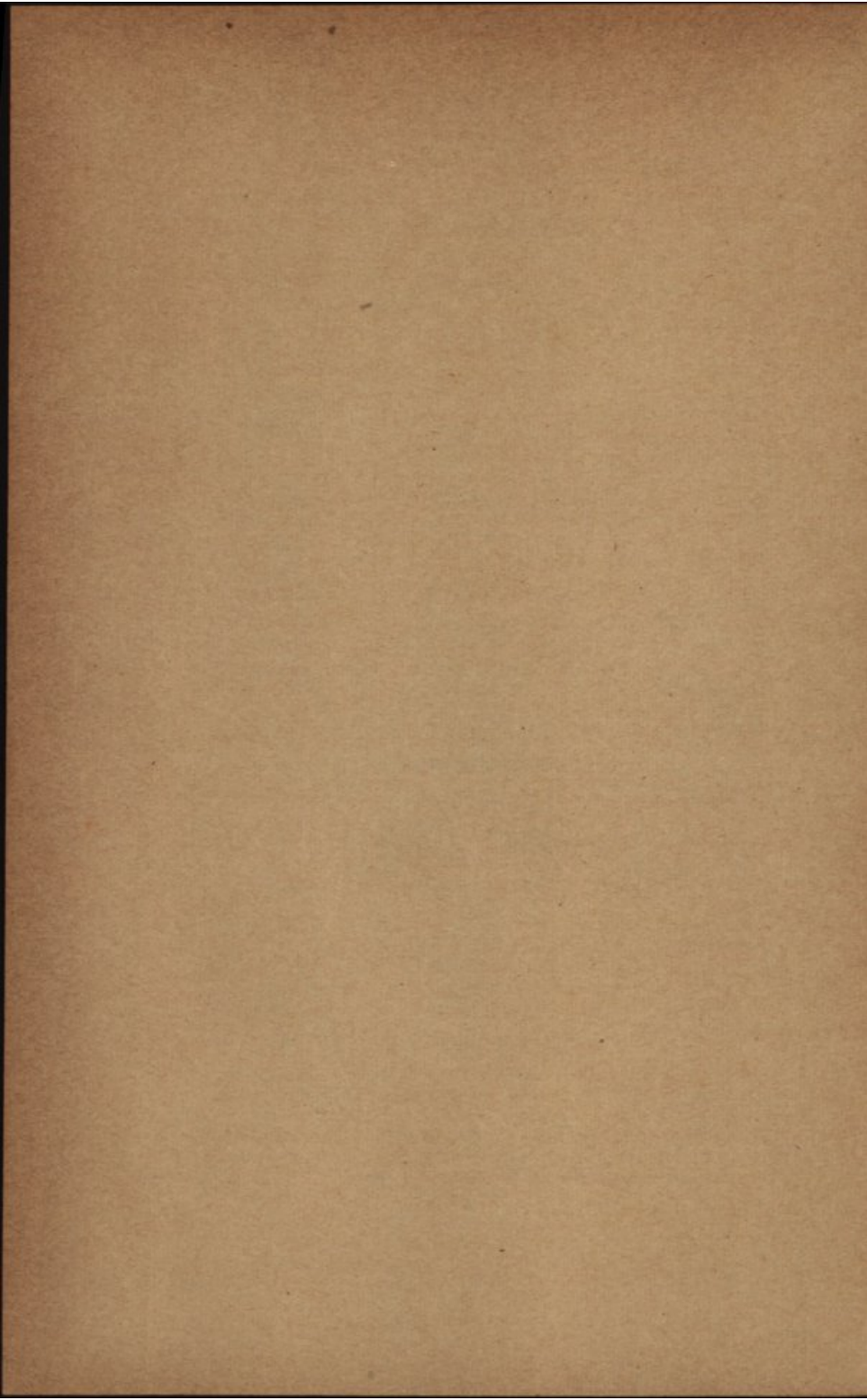
ERRATAS

Lin. ult. de pag. 66, estropiada na impressão, deve ler-se: *cado não é permitido.*

A 1.^a lin. de pag. 135, também estropiada pela impressão, começa assim: *um documento cheio de*

A mesma coisa na 1.^a linha de pag. 138, que termina pela palavra: *tira.*

Pag. 183, falta um *a* no fim da lin.; também acidente de impressão.



PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 = LISBOA

ARNALDO GAMA

- Um motim ha 100 annos, 1 vol. br. 800 rs., enc. 1\$000 rs.
A Ultima Dona de S. Nicolau, 1 vol. br. 700 rs., enc. 900 rs.
O Segredo do Abbade, 1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.
O Balio de Leça, 1 vol. br. 500, enc. 700 rs.

CAÏEL

- Amor á antiga, 2 vol br. 400 rs., enc. 600 rs
Commentarios á vida, 1 vol br. 300 rs.
Primeiras leituras, (para creanças), 1 vol. br. 400 rs., cart. 500 rs, enc. 600 rs.
A's mães e ás filhas, 1 vol br. 500 rs., enc. 700 rs.
A filha do João do Outeiro, 1 vol. br. 700 rs., enc. 900 rs.
O tio Victorino, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.
Revista branca, 1 vol. br. 500 rs, enc. 700 rs.

SILVA PINTO

- A queimar cartuchos, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.
N'este valle de lagrimas, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.
Philosophia de João Braz, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.
O riso amarello, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.
Santos portuguezes, 1 vol br. 500 rs, enc 700 rs.
A torto e a direito, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

THOMAZ RIBEIRO

- O Mensageiro de Fez, (poema), 1 vol. illust., br. 700 enc. 1\$000 rs.
A Rocha, folheto, 200 rs.
As novas conquistas, folheto, 200 rs.

TEIXEIRA DE QUEIROZ

- Amores... Amores..., 1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.
Arvoredos, 1 vol. illust., br. 800 rs., enc. 1\$100 rs.
Morte de D. Agostinho, 1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.
Os noivos, 2 vol. br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.
A nossa gente, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

J. Q. TRAYASSOS LOPES

- Os contoç da avósinha, 1.^a, 2.^a e 3.^a partes, illustradas, preço de cada parte br. 160 rs., cart. 240 rs., enc. em percalina proprio para brindes ás creanças, 360 rs.
Historias de animaes, 1.^a, 2.^a e 3.^a partes, illustradas, preço de cada parte, br. 200 rs., cart. 280 rs., enc. em percalina, proprio para brindes ás creanças, 400 rs.

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

50, 52, Rua Augusta, 52, 54 = LISBOA

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

Em Portugal e no estrangeiro, 1 vol. br. 800 rs. enc., 1\$100 rs.

Pelo mundo fóra, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

Arte de viver na sociedade, 1 vol. br. 1\$000 rs., enc. 1\$400 rs.

Aventuras d'um polaco, 2 vol. br. 400 rs., enc. 600 rs.

Raphael, traducção de Lamartine, 1 vol. ed. de luxo enc. rs. 3\$200.

J. N. RAPOSO BOTELHO

Historia universal, 2ª ed. consideravelmente augmentada, 1 vol. br. 1\$000 rs., enc. 1\$200 rs.

GUERRA JUNQUEIRO

Contos para a infancia, 3ª edição, 1 vol. br. 400 rs., cart. 500 rs., enc. em percalina, propria para brindes, 600 rs.

A musa em férias, 1 vol. br. 700 rs., enc. 950 rs.

Morte de D. João, 1 vol. br. 800 rs., enc. 1\$100 rs.

Os simples, 1 vol. br. 700 rs., enc. 950 rs.

Tragedia infantil, folheto, 200 rs.

PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa d'outros tempos, 1ª parte «Figuras e scenas antigas», 2ª parte «Os caffès»; preço de cada, br. 600 rs., enc. 800.

P. e F. J. PATRICIO

Sermões, 2 vol., preço de cada br. 700 rs., enc. 1\$000 rs.

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

Historias das Ilhas, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

OSCAR LEAL

Zélia, romance, 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

Viagem a um paiz de selvagens, 1 vol. br. 600, enc. 800 rs.

Dr. M. A. BOMBARDA

Lições sobre a epilepsia e os pseudo-epilepticos, 1 vol. illust., br. 1\$000 rs., enc. 1\$300 rs.

A consciencia e o livre arbitrio, estudos biologicos, 1 vol. illust. br. 1\$000 rs., enc. 1\$300 rs.

ALBERTO PIMENTEL

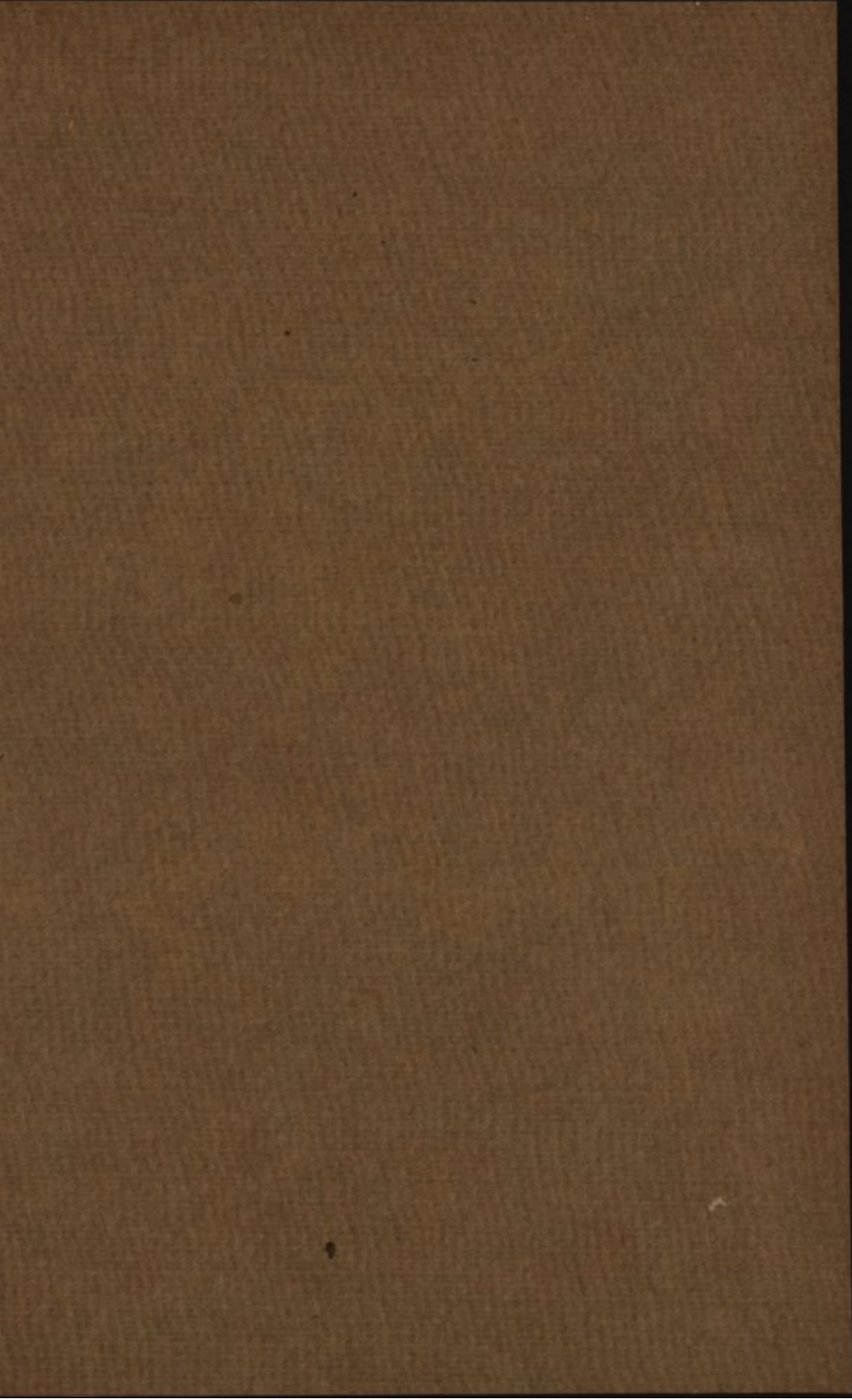
Sangue azul, 1 vol. illust. br. 700 rs., enc. 900 rs.

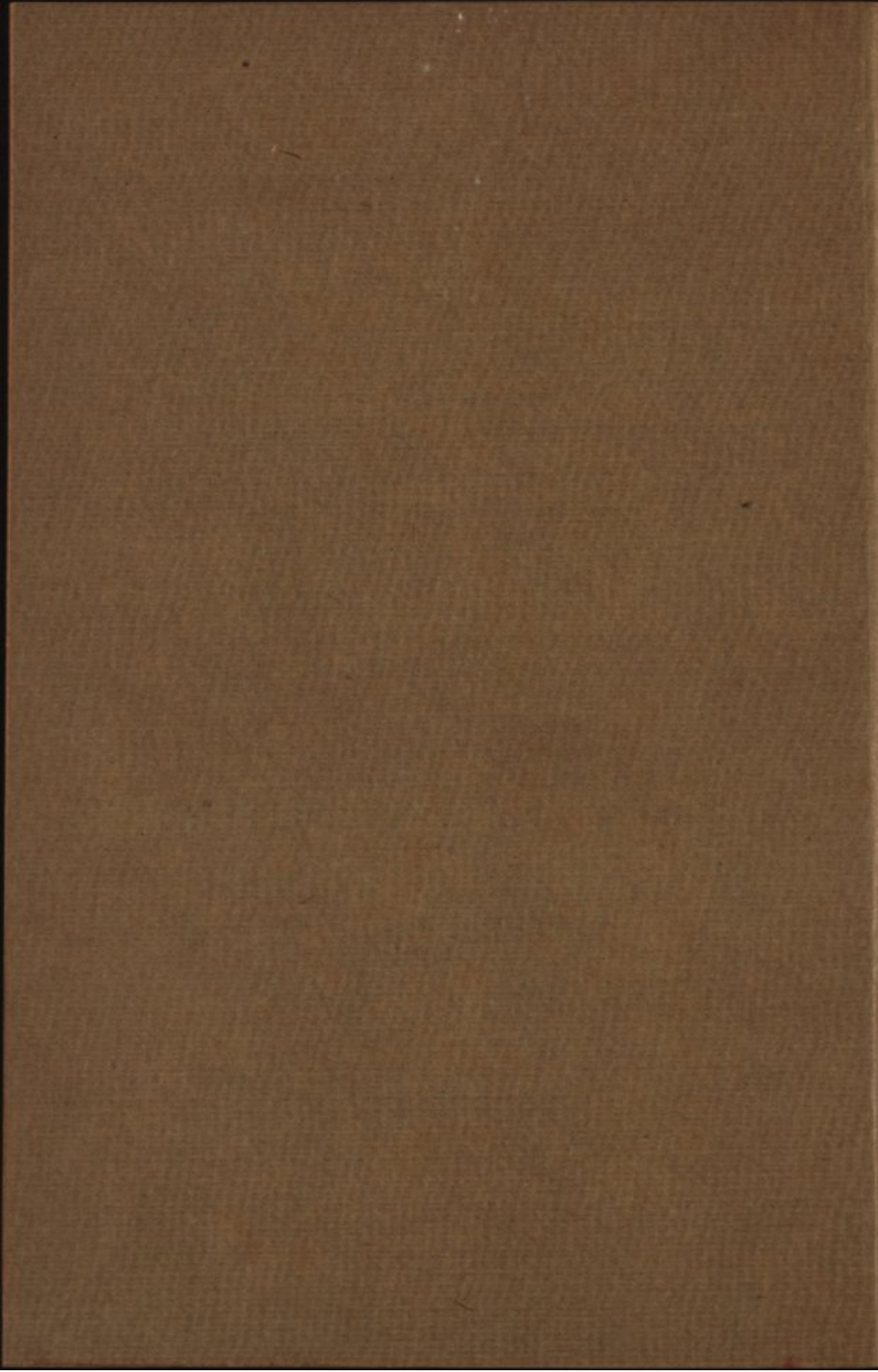
Vida mundana d'um frade virtuoso, 1 vol. br. 300 rs.

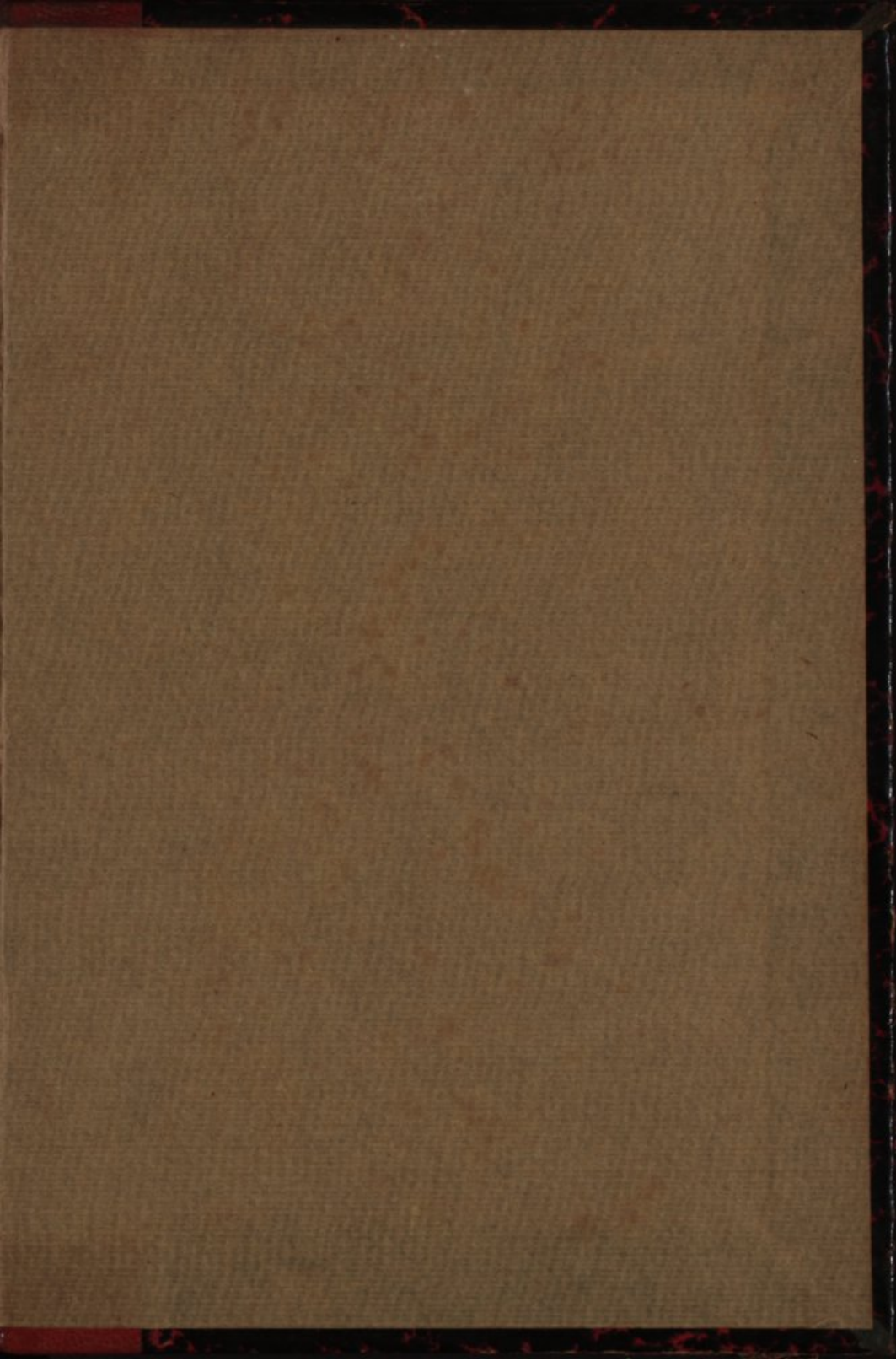
Vinte annos de vida litteraria, 1 vol. br. 200, enc. 300 rs.

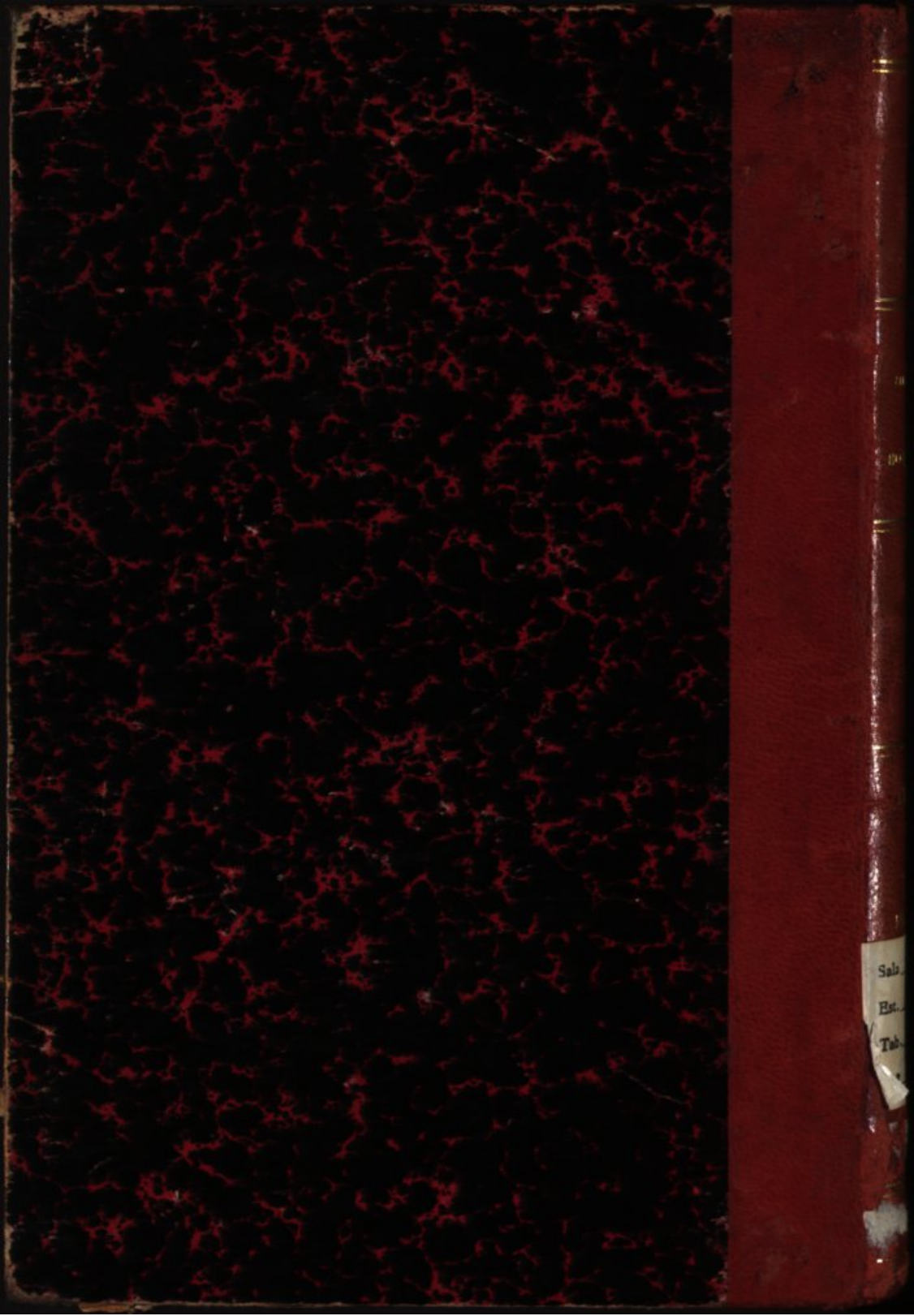
Noites de Cintra, 1 vol. br. 200 rs., enc. 300 rs.

As netas do Padre Eterno, 1 vol. br. 200 rs., enc. 300 rs.









Sale

Est.

Tab.

MIGUEL

BOMBARD

A SCIENCIA

20

JESUITISMO

Sala 10
Est. 12
Tab. 4
• 37